

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

SP-Arte 2021

Stand D6

20–24 Out

Adriana Varejão | Barrão | Carlos Bevilacqua | Cristiano Lenhardt | Efrain Almeida | Erika Verzutti | Ernesto Neto | Gokula Stoffel | Iran do Espírito Santo | Jac Leirner | Janaina Tschäpe | Leda Catunda | Luiz Zerbini | Márcia Falcão | Mauro Restiffe | Nuno Ramos | Rodrigo Cass | Rodrigo Matheus | Sara Ramo | Simon Evans™ | Tiago Carneiro da Cunha | Valeska Soares | Yuli Yamagata

Adriana Varejão

Rio de Janeiro, 1964

Drosera Gigantea (2012) faz parte da longa série de trabalhos de Adriana Varejão em que a artista debruça-se sobre a azulejaria, temática fundamental para a compreensão do corpo de sua obra. Tríptico composto por telas de dimensões análogas, a obra faz referência tanto à história da azulejaria portuguesa quanto à cerâmica celadon, tradição chinesa que remonta à dinastia Song do século XI. Na obra, duas das telas exibem superfícies craqueladas brancas, vazias, ao passo em que a terceira ganha intensos tons de vermelho, a partir da representação de uma espécie de planta carnívora, retirada de uma antiga enciclopédia de botânica, outro interesse frequente da produção de Varejão.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



ADRIANA VAREJÃO

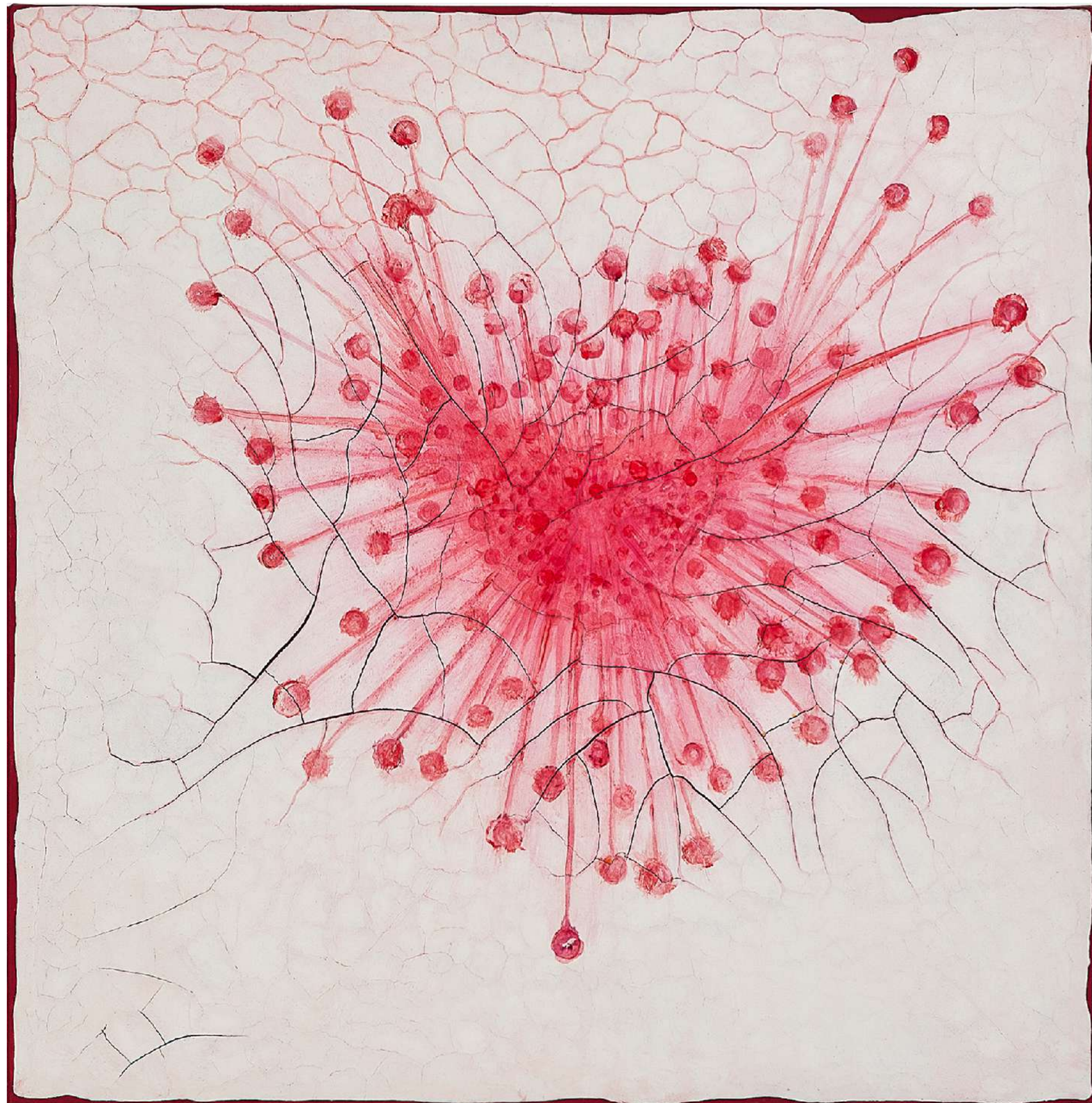
Drosera Gigantea (Triptico), 2012

Óleo e gesso sobre tela [Oil and plaster on canvas]

Dimensões totais [Overall dimensions]: 99 x 297 cm | 99 x 99 cm cada [each]



ADRIANA VAREJÃO
Drosera Gigantea (Triptico), 2012
Detalhe [Detail]



ADRIANA VAREJÃO
Drosera Gigantea (Triptico), 2012
Detalhe [Detail]



ADRIANA VAREJÃO
Drosera Gigantea (Tríptico), 2012

Barrão

Rio de Janeiro, 1959

Concebidas a partir de um processo próprio de bricolagem, as esculturas de Barrão são compostas por peças de cerâmica e porcelanas de origens e naturezas diversas, colecionadas pelo artista há pelo menos duas décadas. Intencionalmente quebrados no ateliê, objetos antes funcionais ou decorativos – como xícaras, vasos, *souvenirs* e afins – são então reconfigurados, fundindo-se uns aos outros em engenhosas composições que resultam em seres híbridos, desprovidos de suas aplicabilidades anteriores. Uma vez reagrupadas, as peças subvertem, portanto, o sentido da bricolagem, tornando-se obras que desafiam a lógica decorativa, evocando a visualidade, o exagero e o humor, típicos do *kitsch*.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)

BARRÃO
Homenagem ao maior puxador de
samba-enredo de todos os tempos, 2021
Louça e resina epóxi
[Porcelain and epoxy resin]
211 x 52 x 63 cm



BARRÃO
Homenagem ao maior puxador de
samba-enredo de todos os tempos, 2021



BARRÃO
Homenagem ao maior puxador de
samba-enredo de todos os tempos, 2021
Detalhe [Detail]



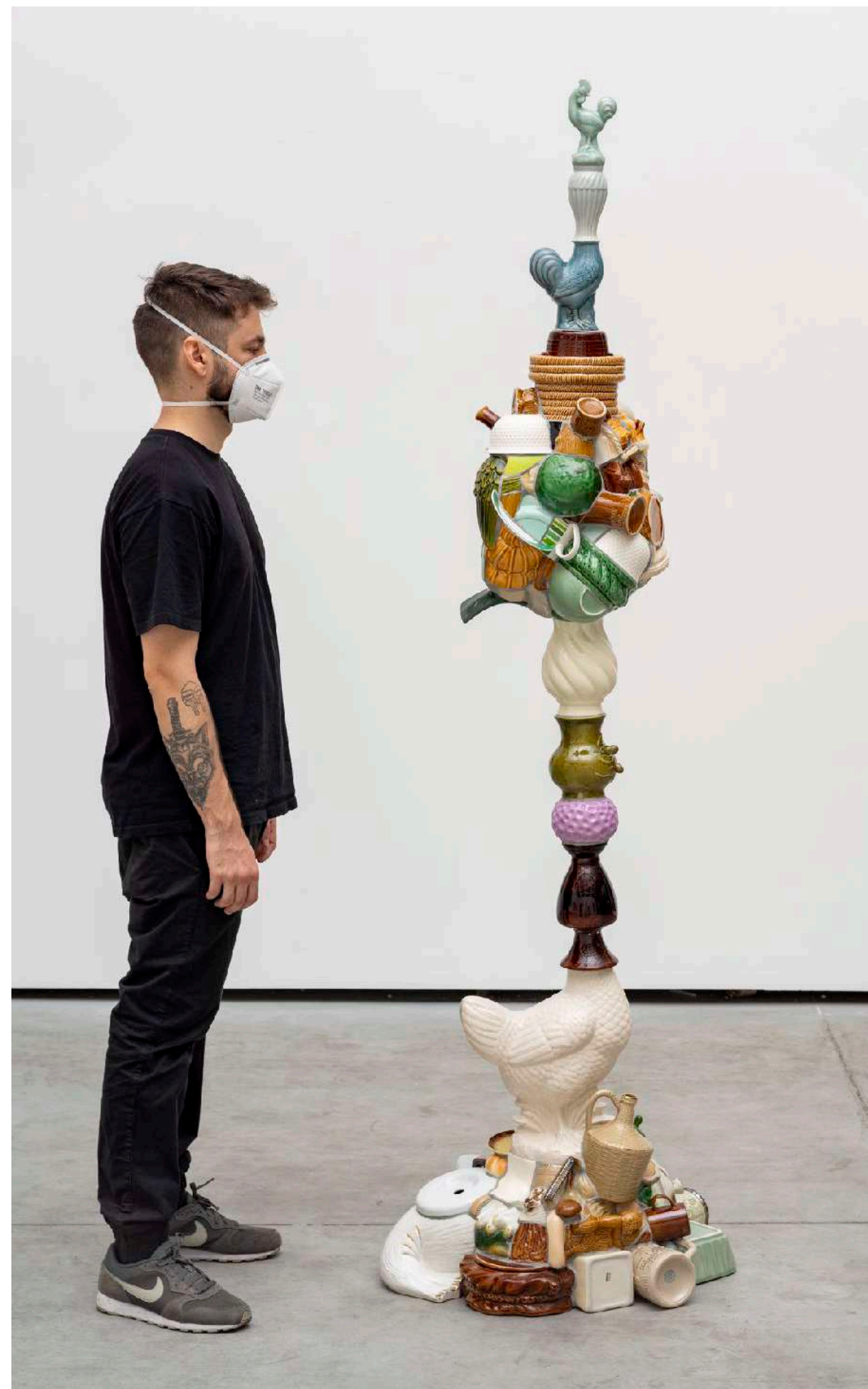
BARRÃO
Homenagem ao maior puxador de
samba-enredo de todos os tempos, 2021
Detalhe [Detail]



BARRÃO
Homenagem ao maior puxador de
samba-enredo de todos os tempos, 2021
Detalhe [Detail]



BARRÃO
Homenagem ao maior puxador de
samba-enredo de todos os tempos, 2021





BARRÃO

Chá com a tia Eddy, 2021

Louça e resina epóxi

[Porcelain and epoxy resin]

99.5 x 45 x 54 cm



BARRÃO
Chá com a tia Eddy, 2021

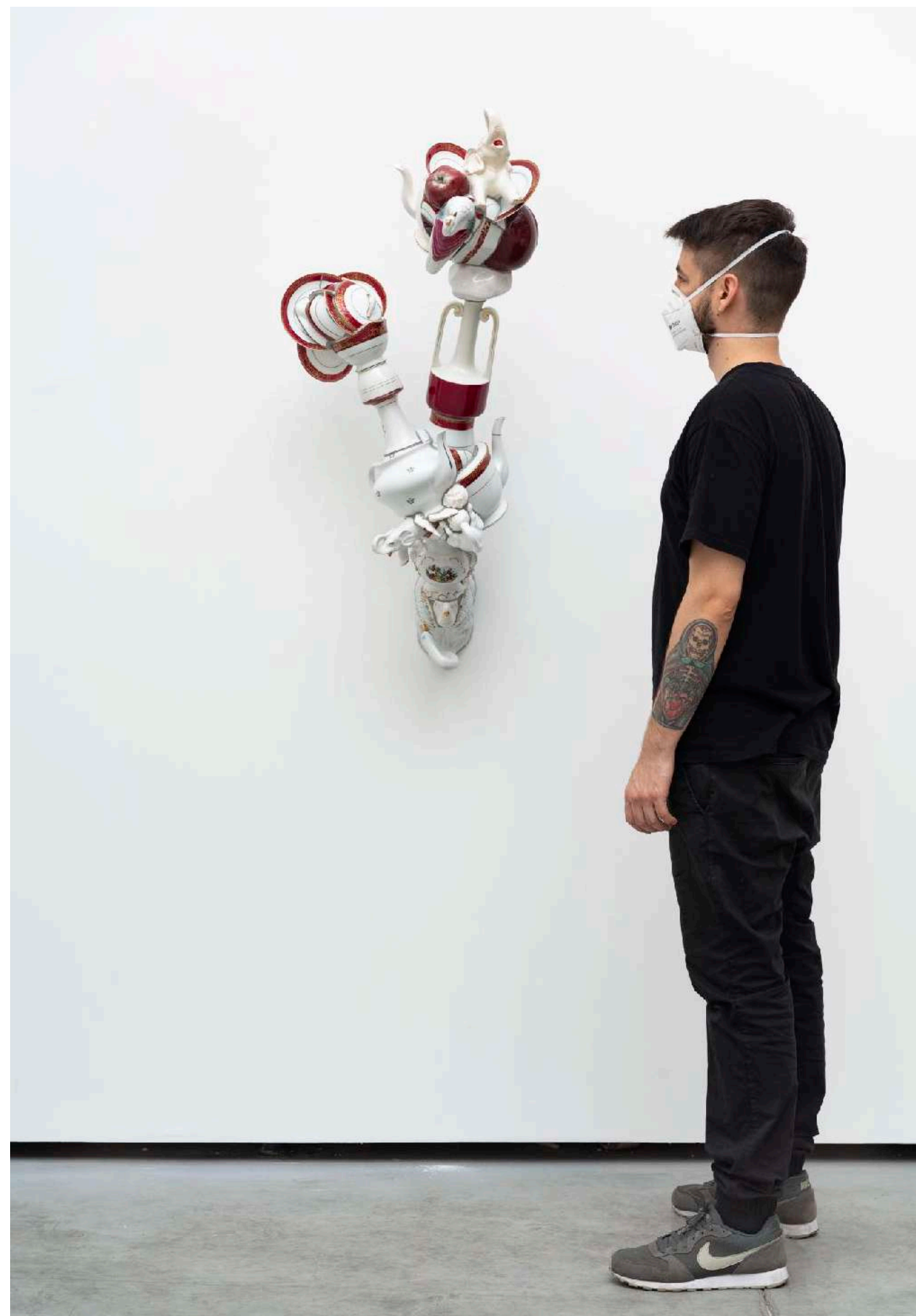


BARRÃO
Chá com a tia Eddy, 2021
Detalhe [Detail]



BARRÃO
Chá com a tia Eddy, 2021
Detalhe [Detail]

BARRÃO
Chá com a tia Eddy, 2021



Carlos Bevilacqua

Rio de Janeiro, 1965

A prática escultórica de Carlos Bevilacqua é pautada pela investigação das propriedades abstratas do espaço, ao passo em que o artista explora as diferentes possibilidades materiais de elementos diversos e muitas vezes de naturezas díspares. O artista utiliza materiais como aço, madeira, vidro, pedras e afins em delicadas composições que desafiam a própria natureza da escultura. Tensionando as propriedades inerentes a estes materiais e explorando as relações harmônicas ou conflitantes resultantes de seus encontros, Bevilacqua testa os limites físicos da matéria até o momento preciso em que as tensões encontram seu ponto de estabilidade. Ao sugerirem rotas circulares no espaço, as obras arquitetam improváveis associações entre volume e vazio, equilíbrio estático e energia potencial. *Centri-fuga* (2021) opera em chave similar, esgarçando a relação entre escultura e movimento ao eleger a esfera como forma geométrica dinâmica, evocando tanto rotas gravitacionais quanto às possibilidades infindas de um átomo.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



CARLOS BEVILACQUA

Centri-fuga, 2021

Madeira, aço inox e quartzo [Wood, stainless steel and quartz]

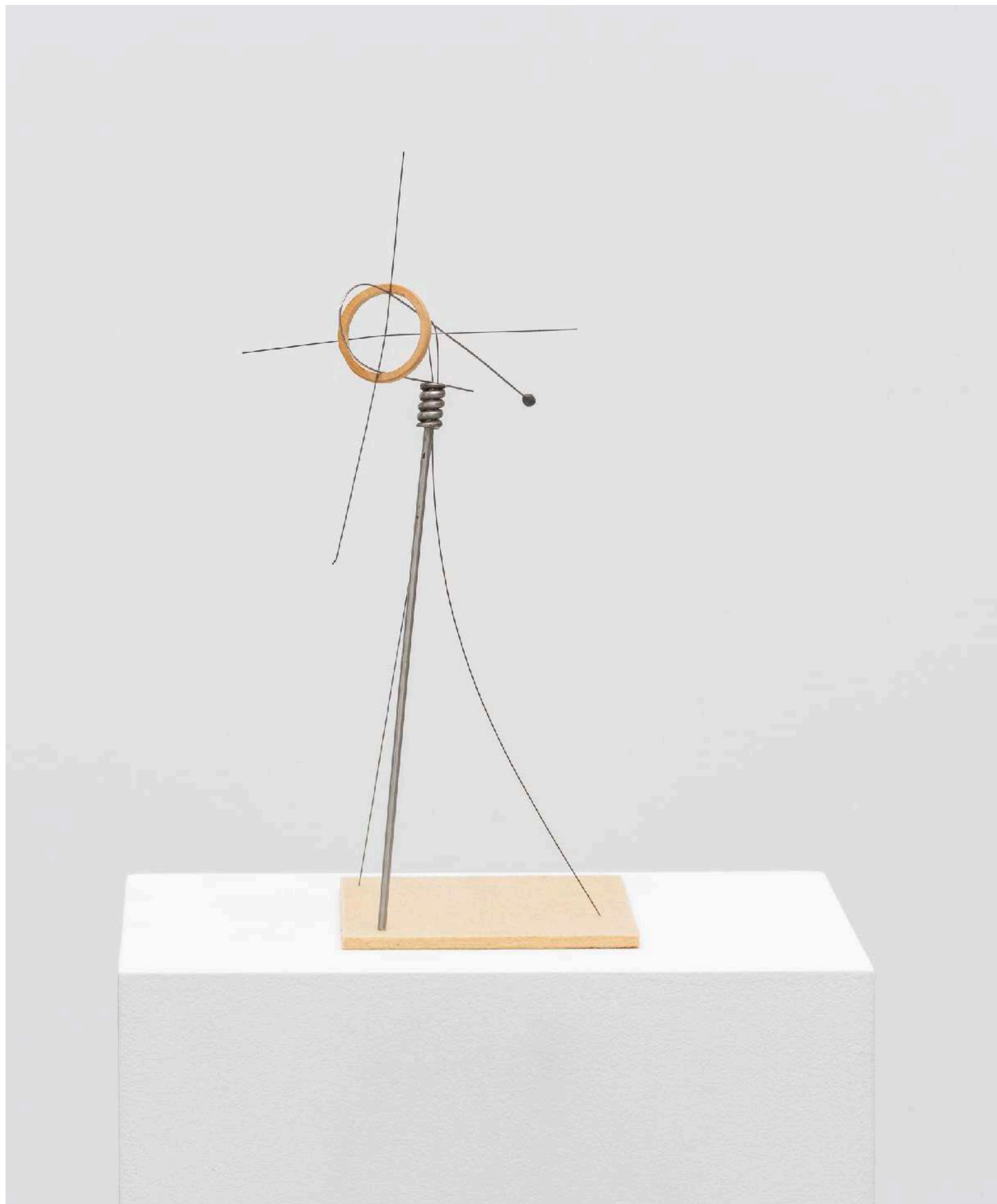
33 x 40 x 35 cm



CARLOS BEVILACQUA
Centri-fuga, 2021

CARLOS BEVILACQUA
Centri-fuga, 2021





CARLOS BEVILACQUA
Biruta Russa, 2021
Madeira, aço inox e chumbo
[Wood, stainless steel and lead]
54 x 25 x 11 cm



CARLOS BEVILACQUA
Biruta Russa, 2021

CARLOS BEVILACQUA
Biruta Russa, 2021



Cristiano Lenhardt

Itaara, 1975

Em uma prática que se desenvolve em mídias variadas, como pinturas, desenhos, esculturas e performances, Cristiano Lenhardt busca em seu cotidiano ferramentas para a elaboração de processos que acontecem por atração, explorando a transformação de materiais e símbolos. Assim, sua produção emprega elementos que vão desde matérias orgânicas como pigmentos naturais extraídos de vegetais até suportes artificiais, como alumínio, equipamentos eletrônicos e afins. São obras que tensionam, portanto, relações entre o natural e o artificial, entre a dimensão terrena e a extracorpórea, espiritual. Suas obras recentes consistem em telas de linho sobre as quais o artista realiza interferências e gravações utilizando um pigmento natural extraído de uma compostagem de cará, cultivada há alguns anos em seu ateliê, no Recife. Por cima da geometria randômica resultante deste processo, Lenhardt aplica pequenas chapas de alumínio em que realiza perfurações mínimas, evocando uma linguagem codificada que remete a mapas estelares, mensagens indecifráveis da natureza, às quais batiza com siglas igualmente enigmáticas, evocando códigos e signos de uma sabedoria que antecede a presença humana no planeta Terra.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)

CRISTIANO LENHARDT

AAOAA, 2021

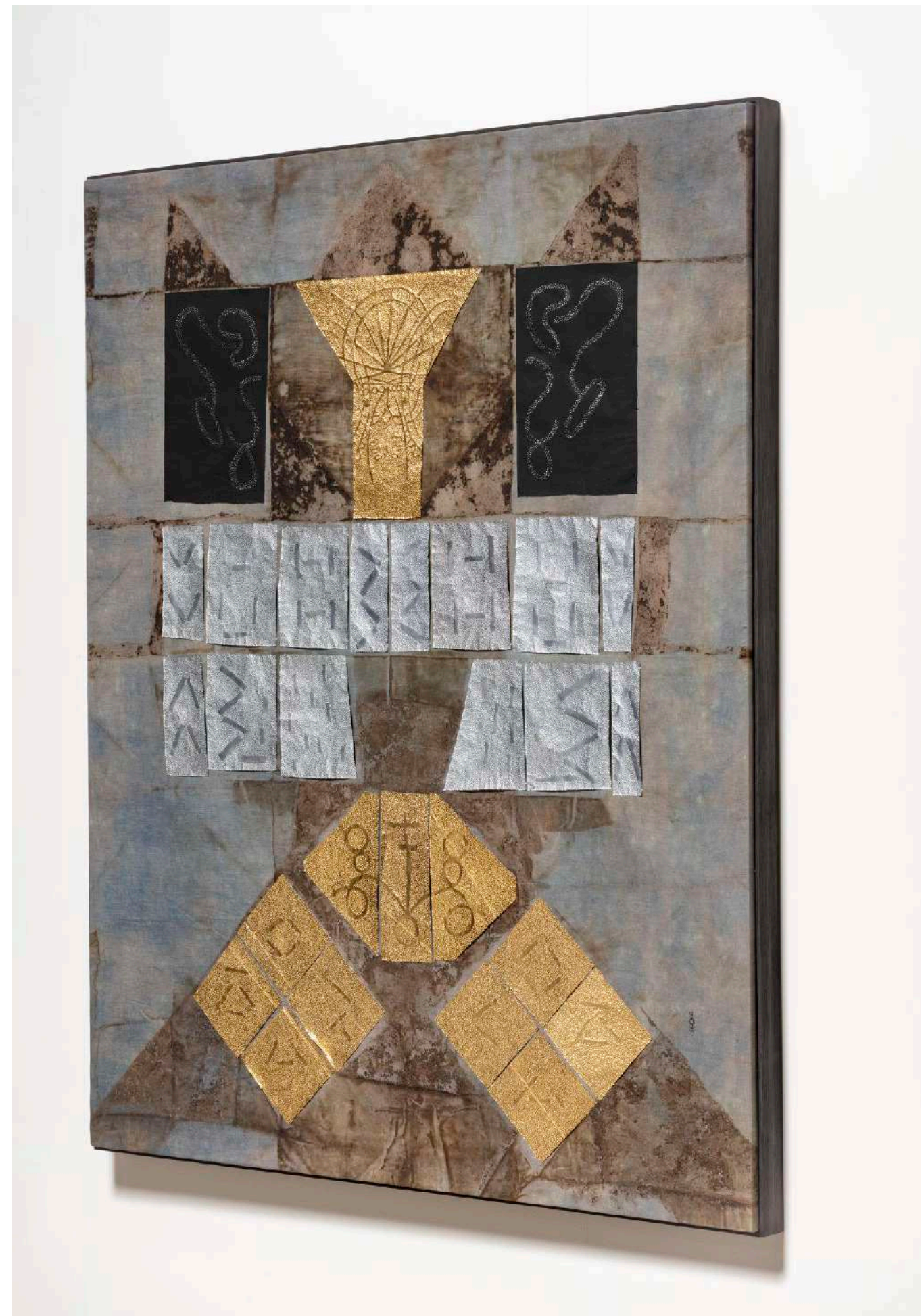
Tela de linho tingida com compostagem
de cará e chapas de alumínio perfuradas
[Linen canvas dyed with yam compost
and perforated aluminum sheets]

141 x 114 cm



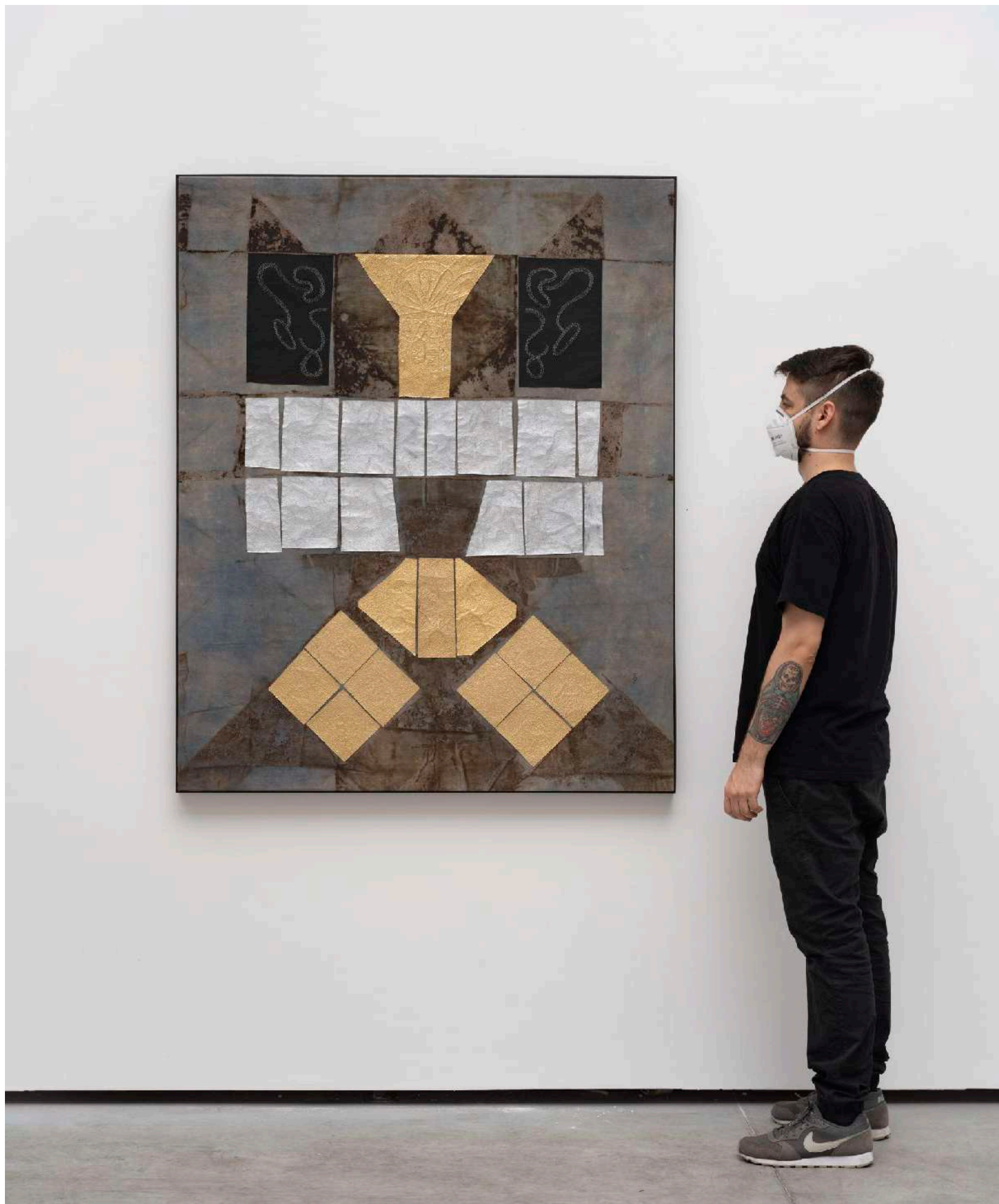


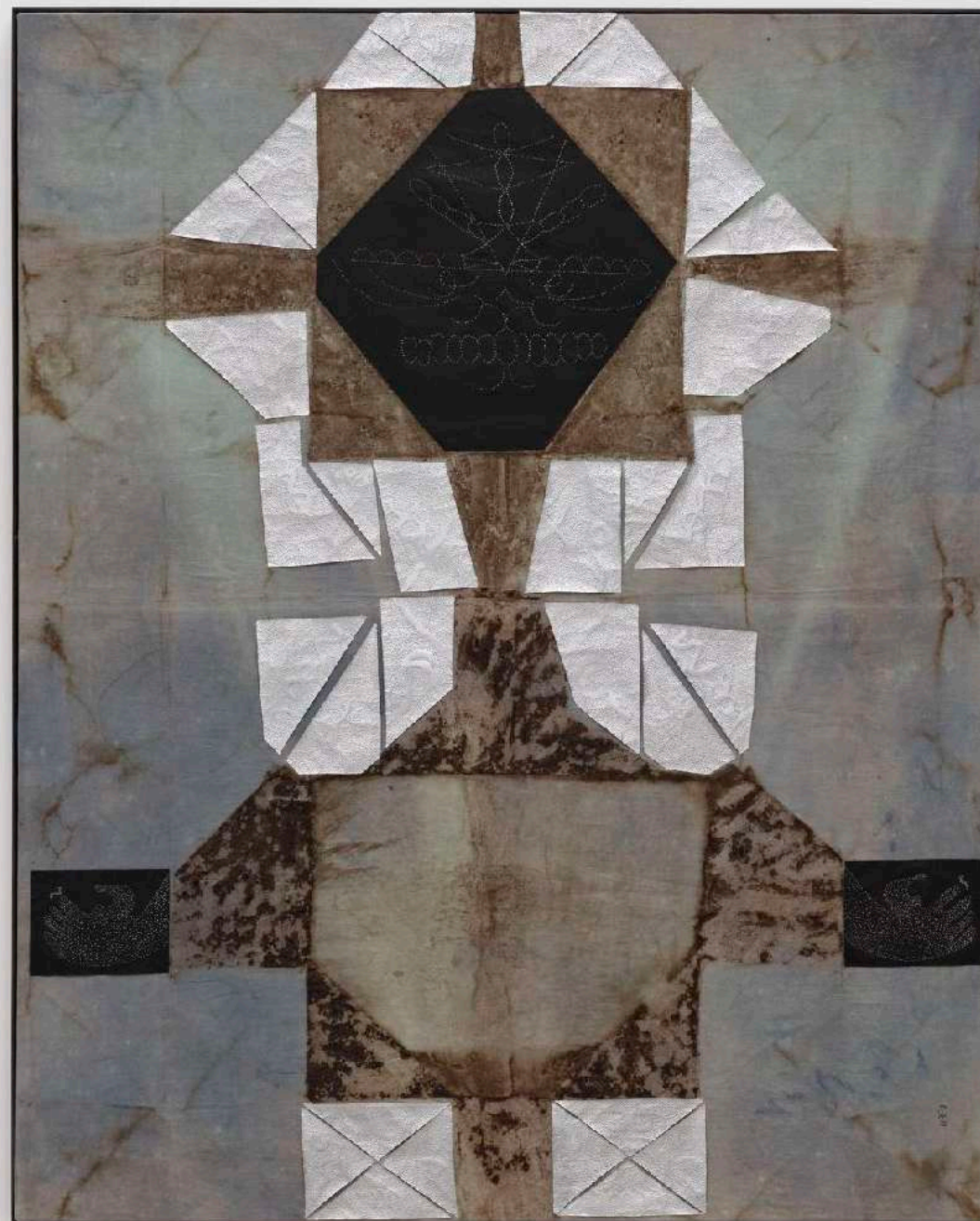
CRISTIANO LENHARDT
AAOAA, 2021
Detalhe [Detail]



CRISTIANO LENHARDT
AAOAA, 2021

CRISTIANO LENHARDT
AAOAA, 2021





CRISTIANO LENHARDT

U3EU, 2021

Tela de linho tingida com compostagem
de cará e chapas de alumínio perfuradas
[Linen canvas dyed with yam compost
and perforated aluminum sheets]

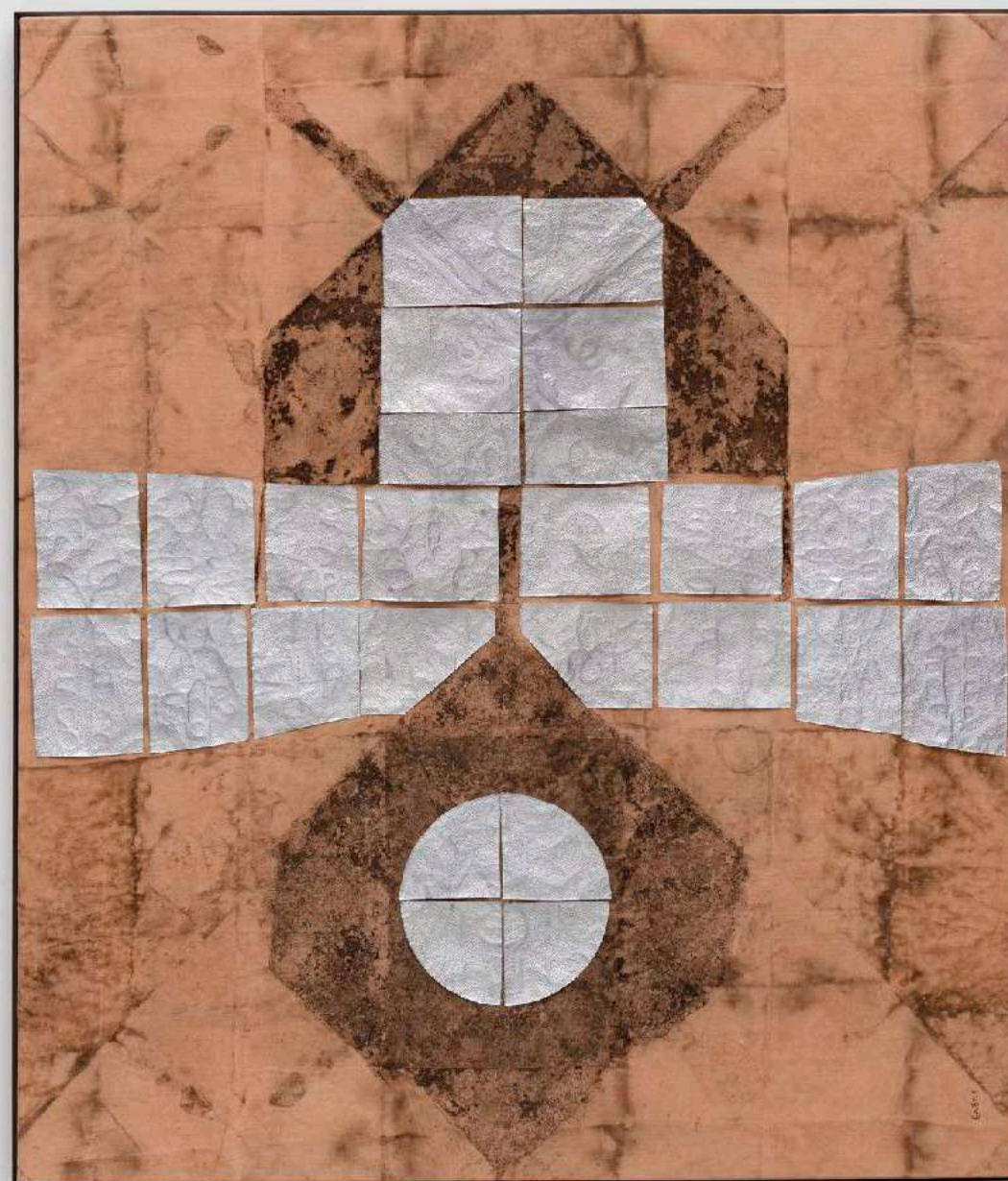
141 x 114 cm



CRISTIANO LENHARDT
U3EU, 2021
Detalhe [Detail]



CRISTIANO LENHARDT
U3EU, 2021
Detalhe [Detail]



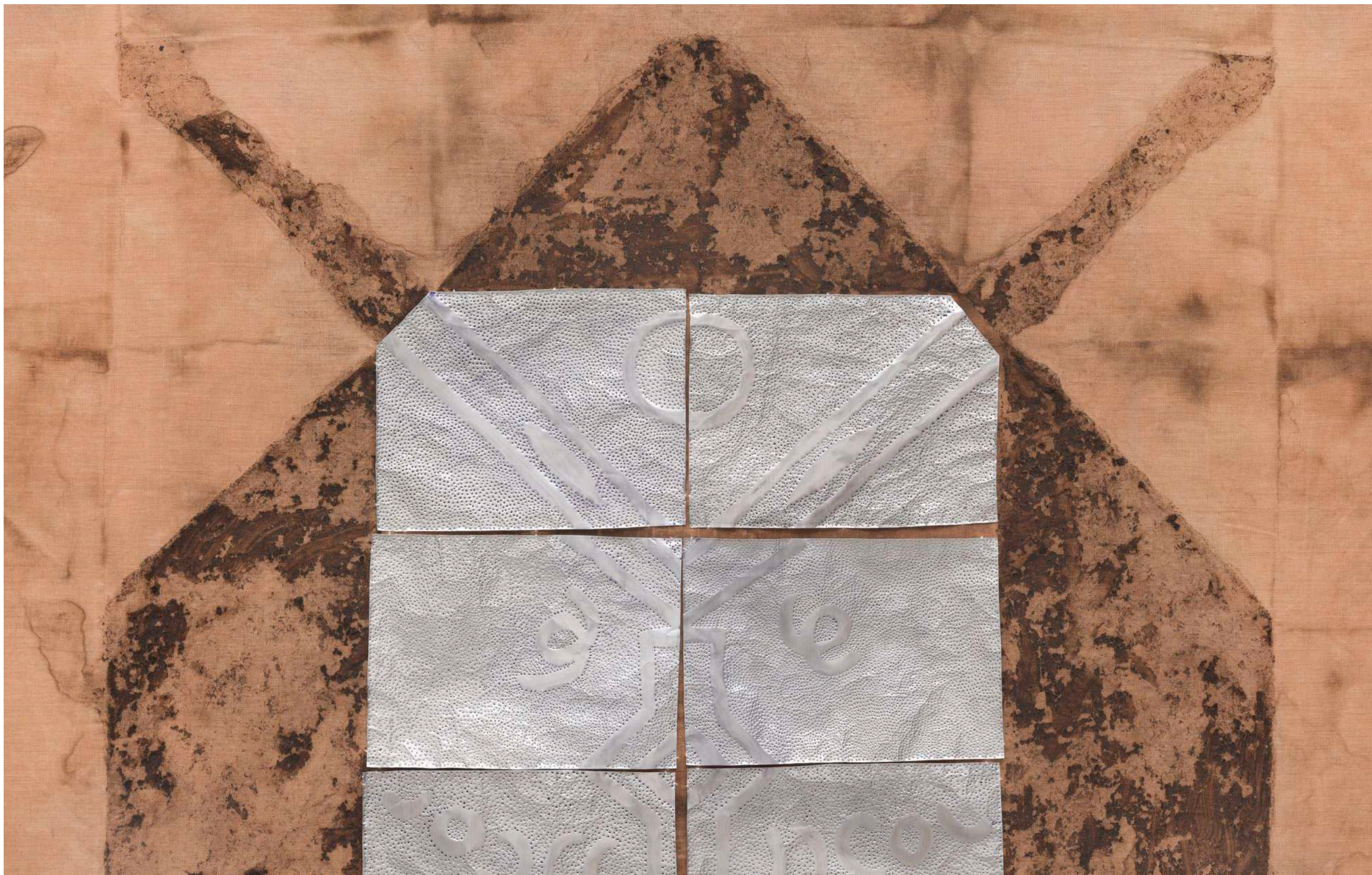
CRISTIANO LENHARDT

EA8A3, 2021

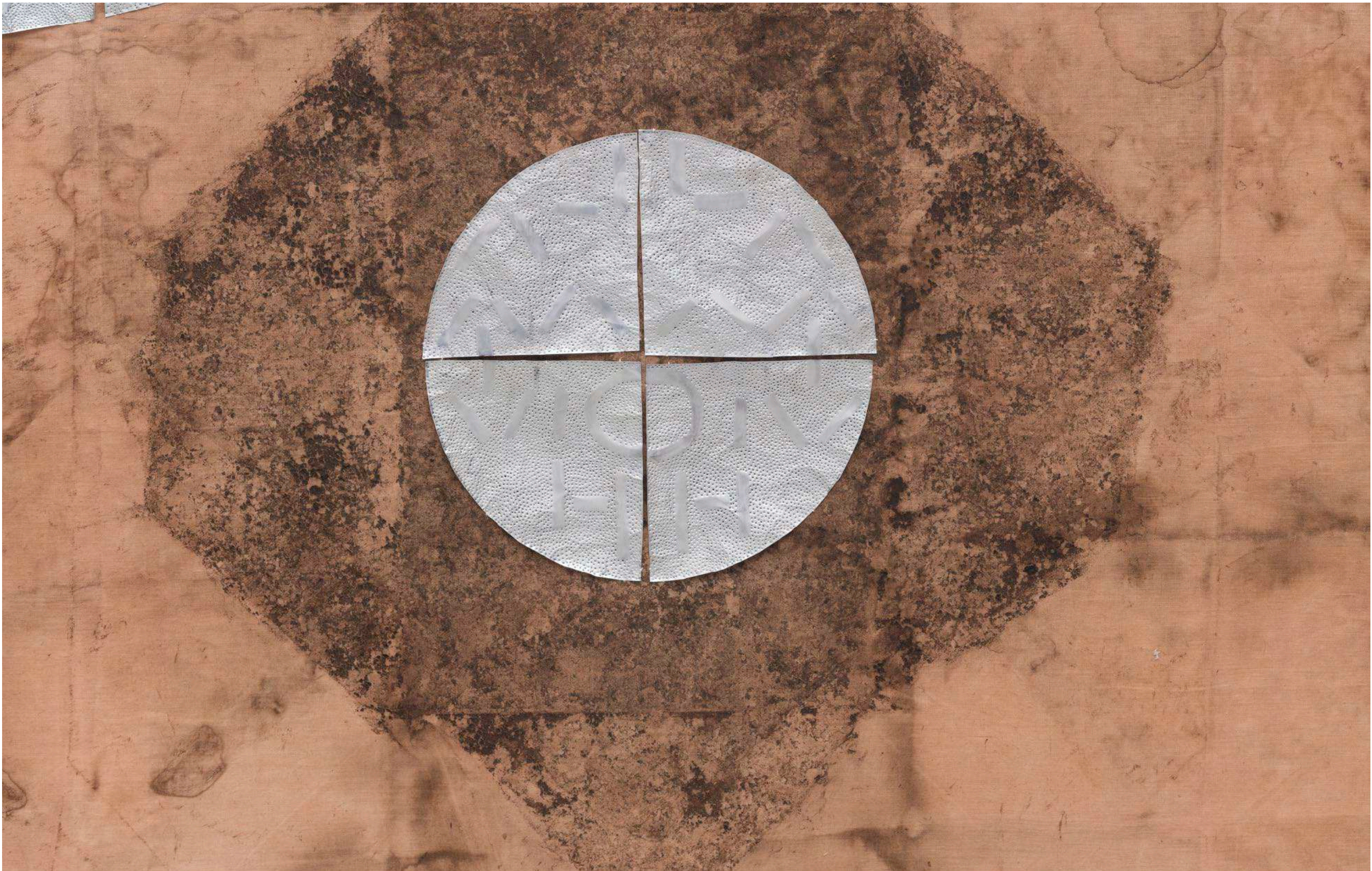
Tela de linho tingida com compostagem
de cará e chapas de alumínio perfuradas

[Linen canvas dyed with yam compost
and perforated aluminum sheets]

141 x 121 cm



CRISTIANO LENHARDT
EA8A3, 2021
Detalhe [Detail]



CRISTIANO LENHARDT
EA8A3, 2021
Detalhe [Detail]

Efrain Almeida

Boa Viagem, 1964

Desde o início dos anos 2000, Efrain Almeida desenvolve uma prática escultórica em que utiliza materiais como madeira, bronze e tecidos como matéria-prima para obras de extrema delicadeza, frutos de um rigoroso processo manual do artista. Conjugando temáticas que vão da religiosidade popular a narrativas autobiográficas, sua produção é atravessada por uma profunda dimensão afetiva.

A obra *25 - Cabeça-vermelha* (2021) é particularmente especial porque utiliza os últimos blocos de madeira cortados pelo seu falecido pai – um carpinteiro que sempre colaborou com o artista na confecção das peças de madeira. Aqui, Almeida retoma e homenageia esta produção com madeira pintada e pernas de bronze.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



EFRAIN ALMEIDA

25 - Cabeça-vermelha, 2021

Madeira de umburana, acrílico, pirografia e bronze [Umburana wood, acrylic, pyrography and bronze]

20 x 120 cm

Única [Unique]



EFRAIN ALMEIDA
25 - Cabeça-vermelha, 2021
Detalhe [Detail]



EFRAIN ALMEIDA
25 - Cabeça-vermelha, 2021
Detalhe [Detail]



EFRAIN ALMEIDA
25 - Cabeça-vermelha, 2021

Erika Verzutti

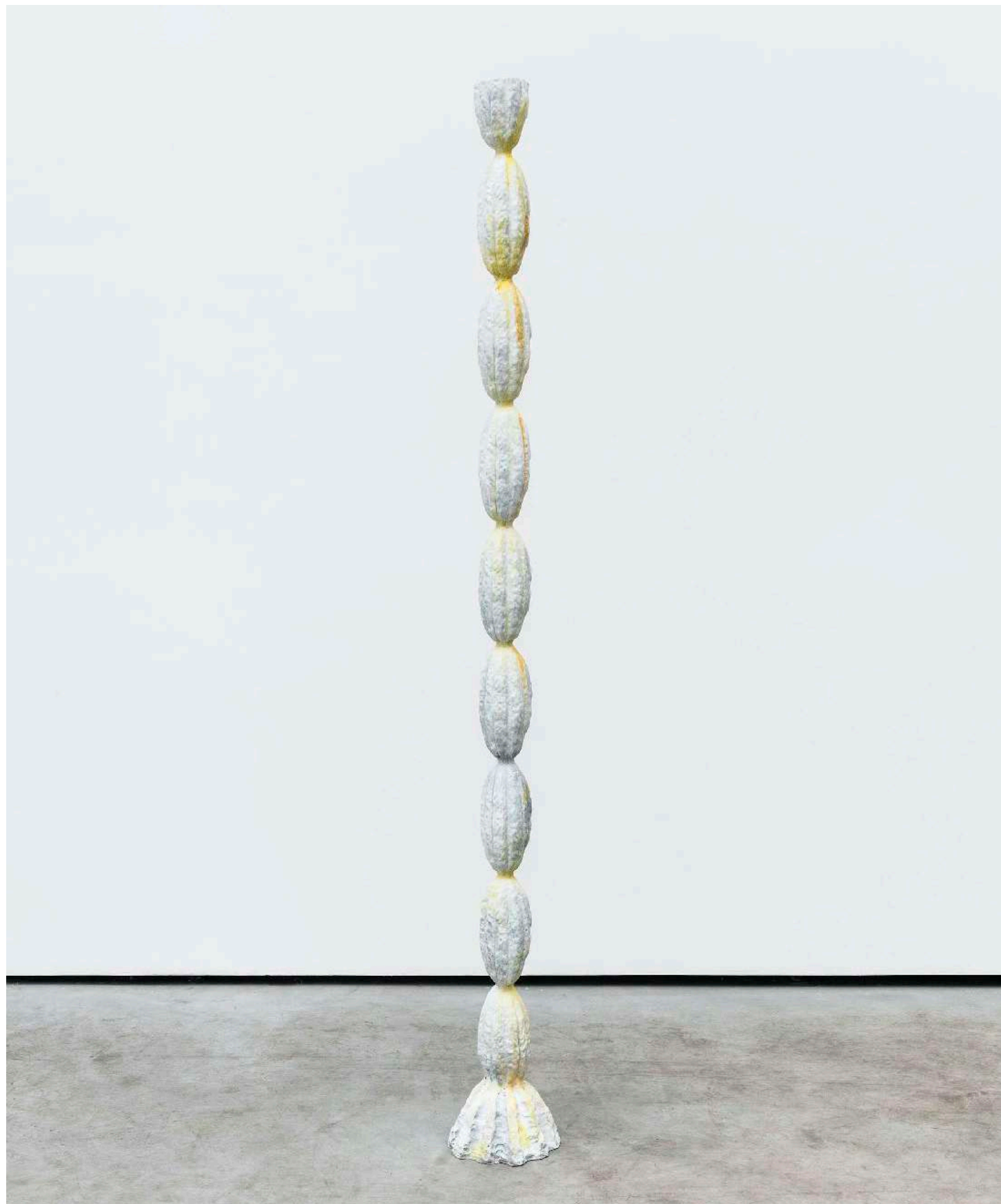
São Paulo, 1971

Erika Verzutti é uma artista essencial para a compreensão da prática da escultura hoje, tanto no panorama brasileiro quanto no internacional. Suas formas instigantes exploram novos caminhos para o meio, com atenção renovada à origem e à materialidade da escultura, bem como à sua inteligência formal. Suas obras utilizam uma variada gama de materiais – bronze, papel machê, alumínio, concreto e mais – articulando referências que vão da história da arte à percepção de fenômenos contemporâneos. Este cruzamento de tópicos de naturezas distintas evidencia o propósito da artista em misturar e confundir a ordem usual com que estes assuntos costumam ser abordados. Pautadas pela experiência tátil, “esculturas de parede” como *Matrix* (2021), arquitetam complexas relações entre pintura e escultura, forma e sensorialidade. Em *Torre de cacau* (2021), a artista realiza uma composição vertical brancusiana em que os frutos empilhados – e esculpidos em bronze – são banhados em suaves tons de branco e amarelo.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)

ERIKA VERZUTTI
Torre de cacau, 2021

Bronze patinado branco e tinta a óleo
[White patinated bronze and oil paint]
240 x 30 x 30 cm
Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



ERIKA VERZUTTI
Torre de cacau, 2021
Detalhe [Detail]



ERIKA VERZUTTI
Torre de cacau, 2021
Detalhe [Detail]



ERIKA VERZUTTI
Torre de cacau, 2021
Detalhe [Detail]



ERIKA VERZUTTI
Torre de cacau, 2021

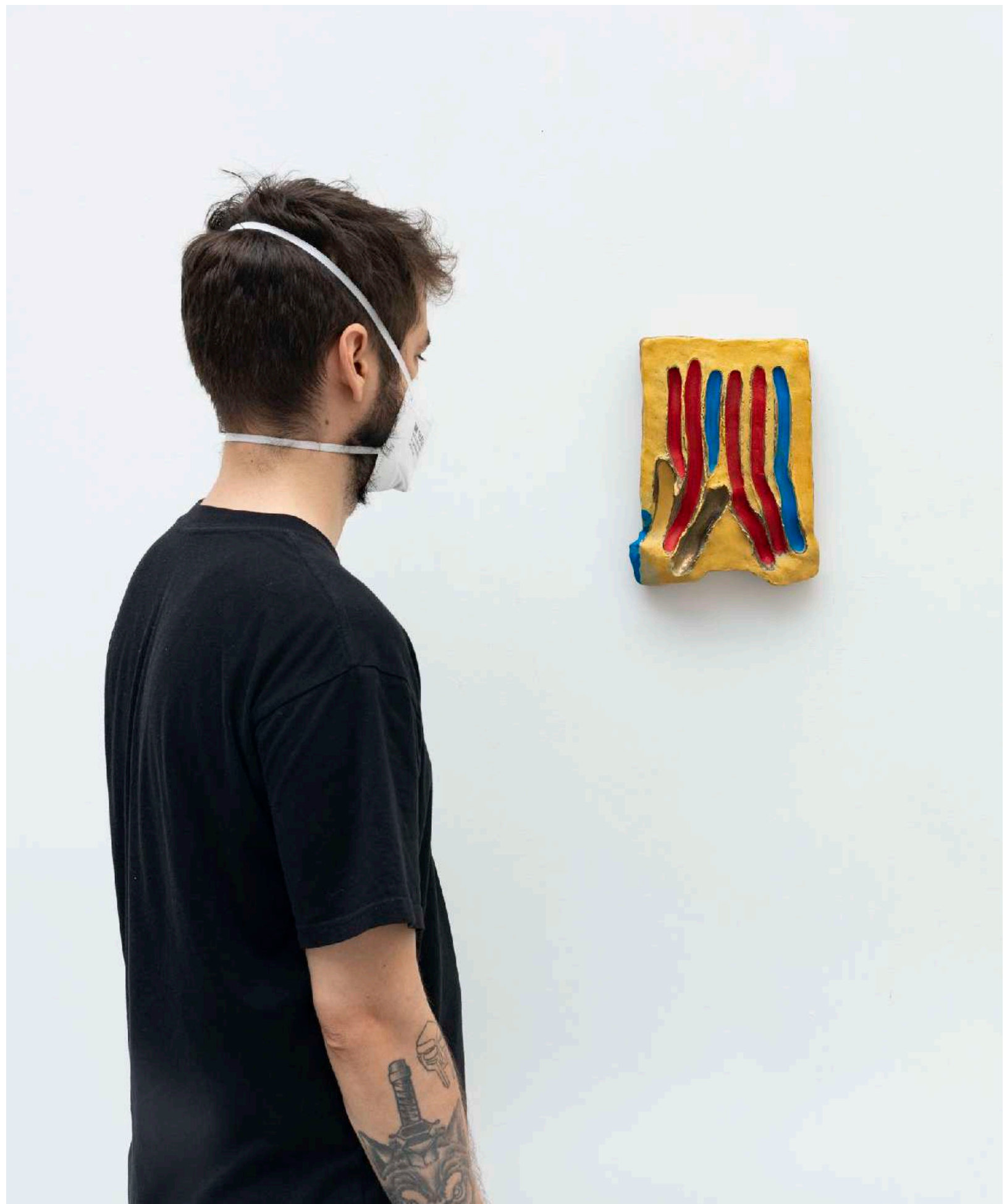


ERIKA VERZUTTI
Matrix, 2021
Acrílica sobre bronze
[Acrylic on bronze]
29,5 x 19 x 5 cm
Única [Unique]





ERIKA VERZUTTI
Matrix, 2021



ERIKA VERZUTTI
Matrix, 2021

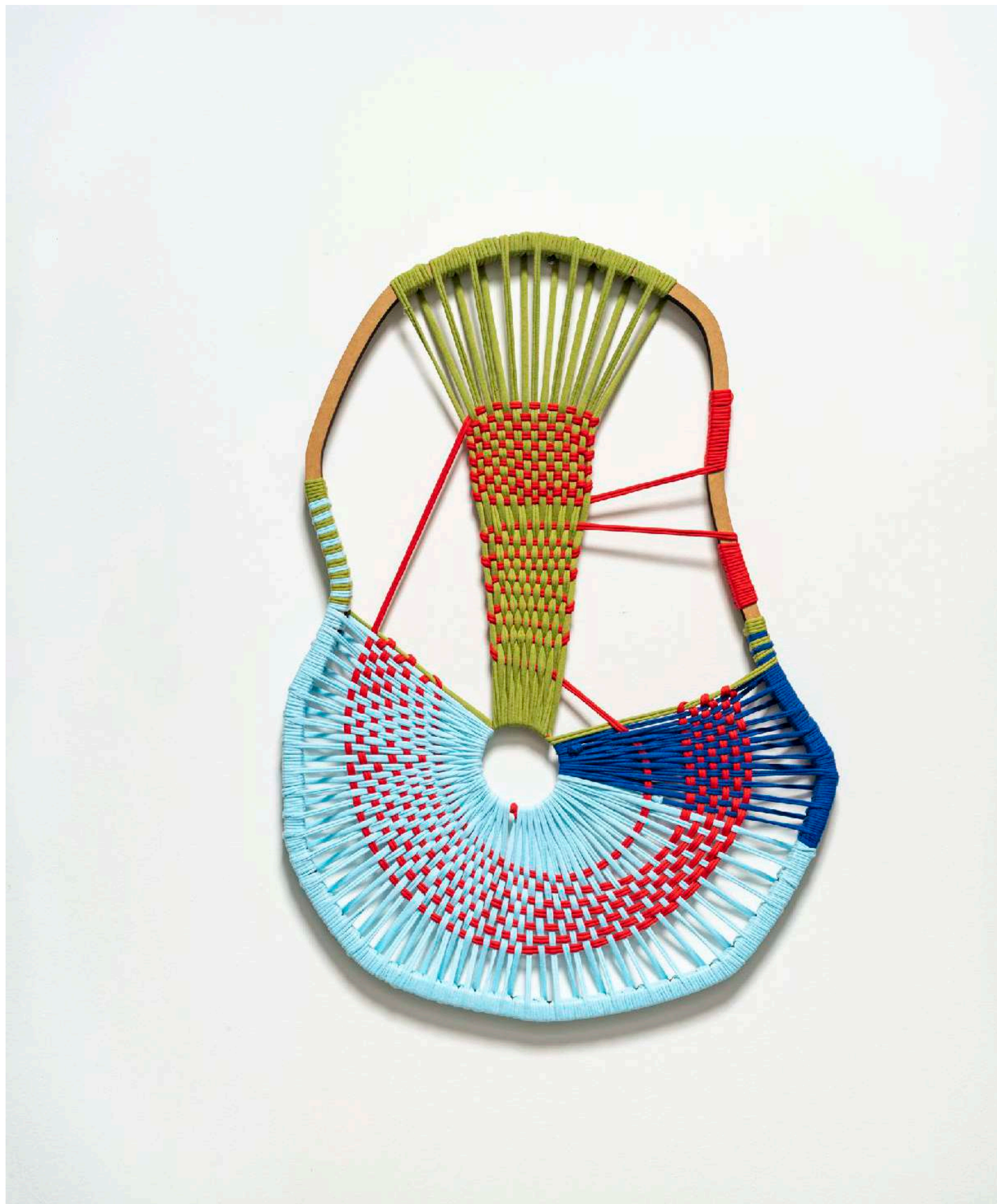
Ernesto Neto

Rio de Janeiro, 1964

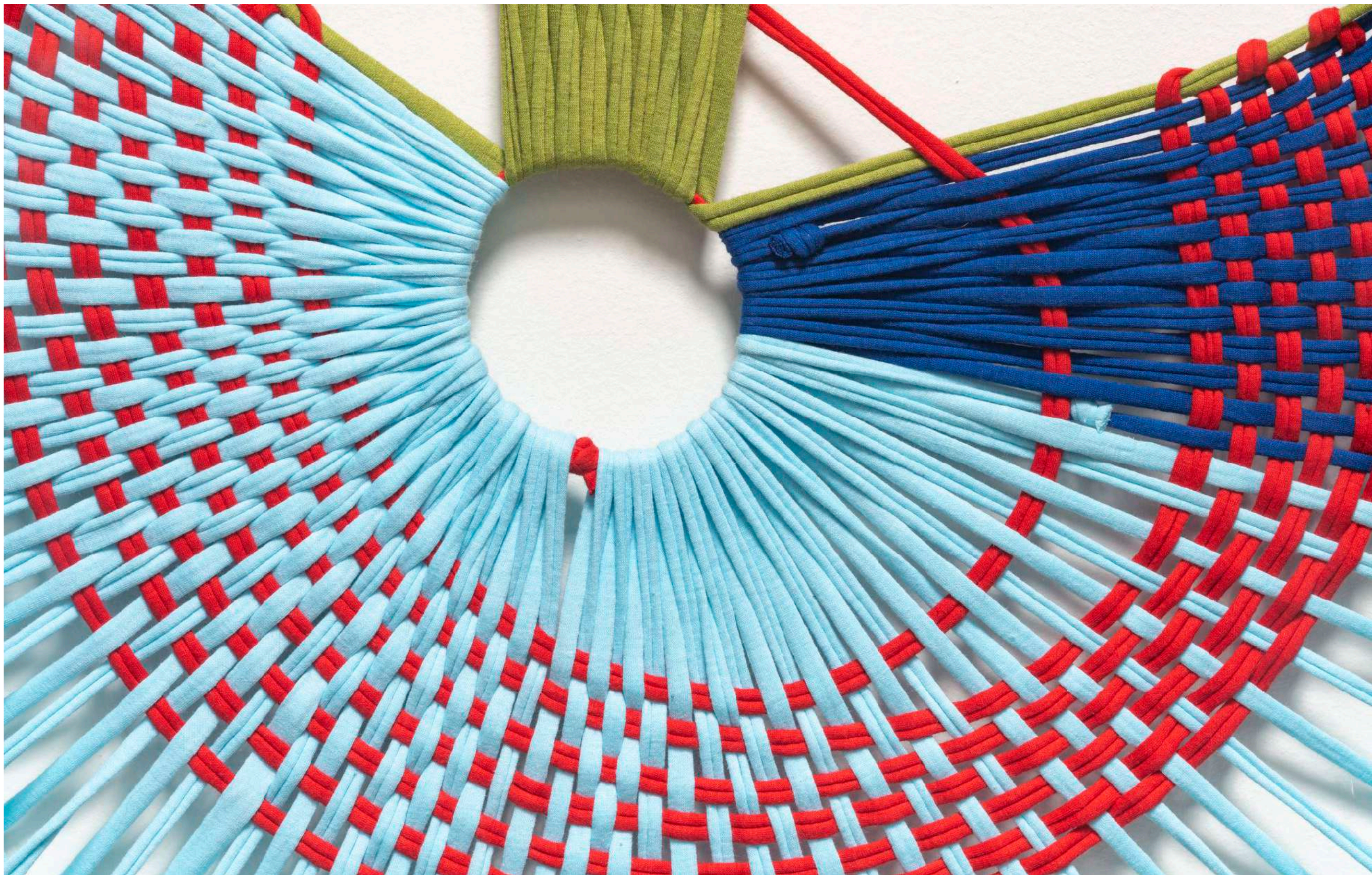
Ernesto Neto é um dos principais nomes da escultura contemporânea brasileira, com raio de influência internacional. Formado nos anos 1980 em um momento de rica convergência de linguagens e temas na arte brasileira, Neto construiu uma sólida produção multimídia com especial interesse nas implicações físicas, materiais e simbólicas da arte no espaço em que ela se insere. Dentro deste aporte, realiza uma ampla pesquisa no uso dos mais variados materiais e nos saberes populares e ancestrais que constroem, tecem e compõem a vida cotidiana. Se de um lado há uma clara raiz construtiva de sua produção amparada pela tradição escultórica moderna, de outro, há também um apreço pelo fazer artesão e pelas experiências vivenciais desatreladas da cidade contemporânea.

No novo corpo de trabalho *entidade tecelã* (2021), o artista usa bastidores de MDF em recortes biomórficos e fios de malha de algodão coloridos para manualmente criar tramas, com uma técnica de tecelagem que opera entre a micro-tensão dos fios entrelaçados e os espaços vazios de respiro.

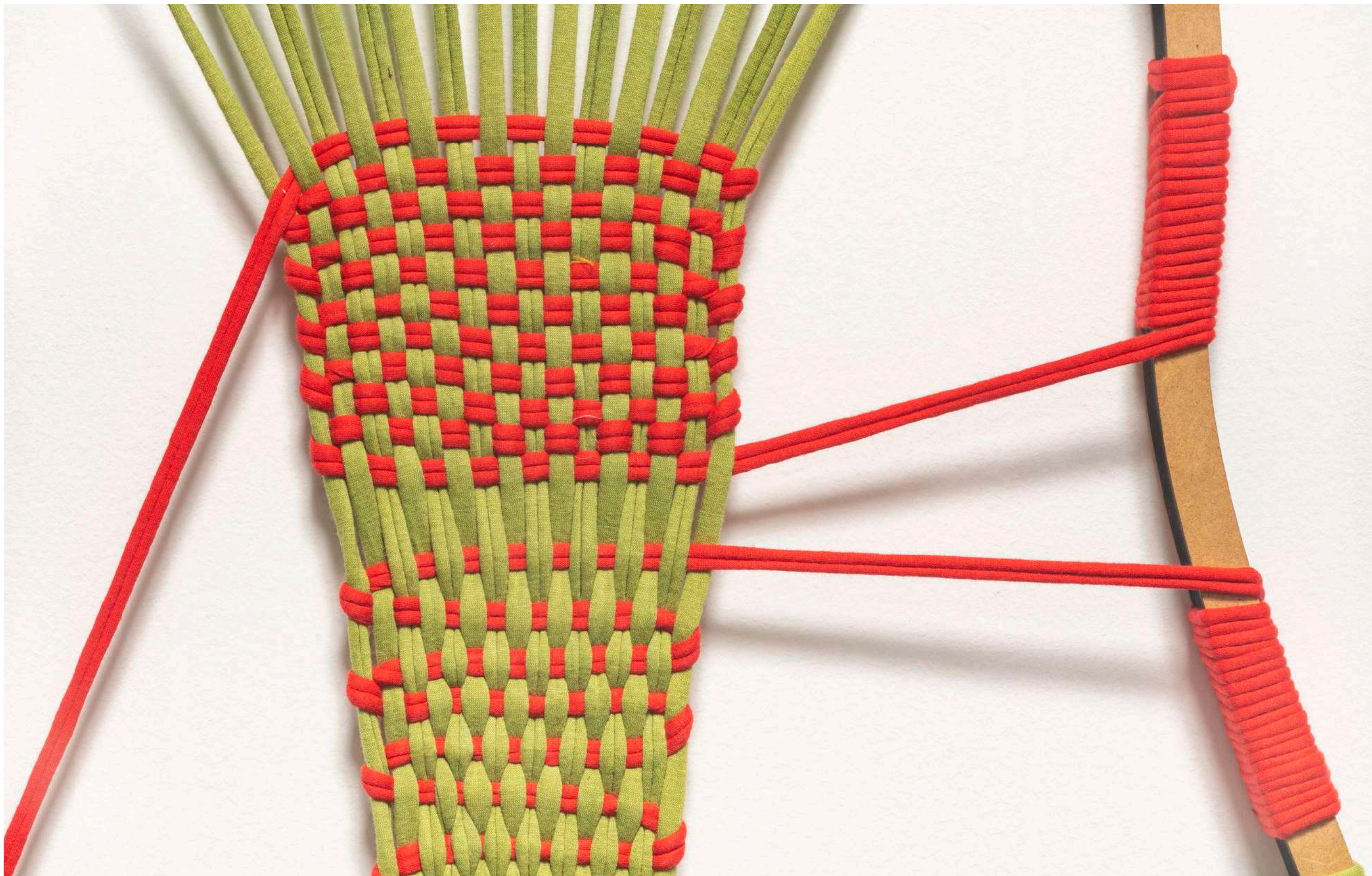
[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



ERNESTO NETO
entidade tecelã
Um Bigo Mar
Jibolinha canta mente e corpo céu e terra, E.T., 2021
MDF cortado a laser e malha de algodão
[MDF digital cut and cotton knit]
74 x 53 cm

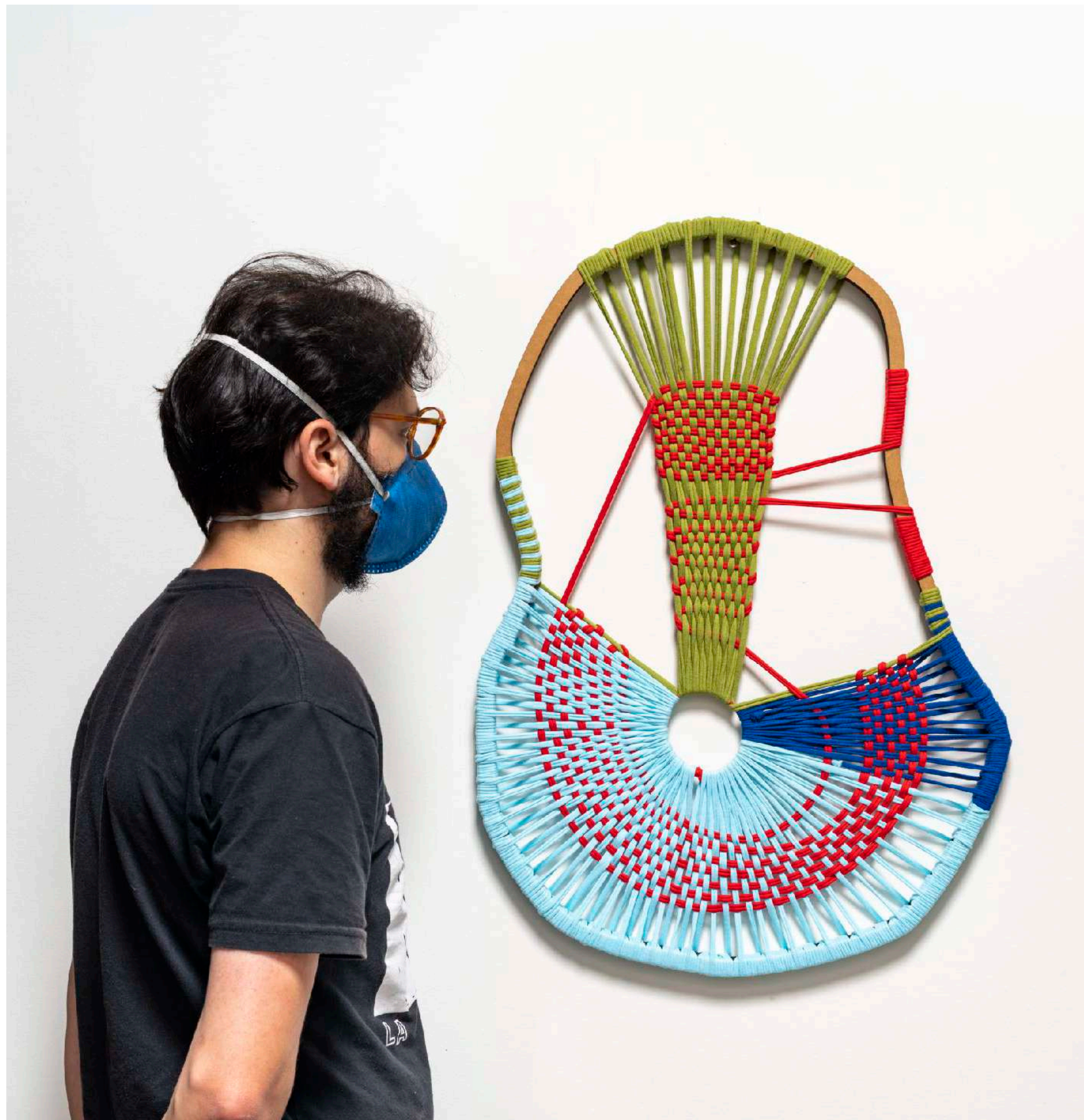


ERNESTO NETO
entidade tecelã
Um Bigo Mar
Jibolinha canta mente e corpo céu e terra, E.T., 2021
Detalhe [Detail]



ERNESTO NETO
entidade tecelã
Um Bigo Mar
Jibolinha canta mente e corpo céu e terra, E.T., 2021
Detalhe [Detail]

ERNESTO NETO
entidade tecelã
Um Bigo Mar
Jibolinha canta mente e corpo céu e terra, E.T., 2021



Gokula Stoffel

Porto Alegre, 1988

Através de uma prática que articula diferentes suportes, técnicas e materiais, a obra de Gokula Stoffel é atravessada por um forte senso de inquietação e subjetividade e marcada por certa dimensão existencial, psicanalítica. Utilizando paletas de cores restritas e cortes específicos de partes do corpo humano, suas telas à óleo são capazes de imprimir uma variedade de sentimentos ambivalentes – conflitantes ou complementares, entre si. Trabalhando na escala íntima de obras que cabem nas mãos até grandes formatos, a artista explora desde o gênero clássico da pintura até esculturas de resina e biscuit, passando também por uma prática de tecelagem e assemblage de tecidos em algumas de suas obras. *Conversa comigo mesma* (2021) é um sintético exemplo desta dimensão multidisciplinar de sua produção, ao passo em que a artista mescla linhas, cordas e recortes de pintura à óleo para realizar uma composição figurativa sobre um cobertor, suporte pouco convencional em um processo de pintura.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



GOKULA STOFFEL

Conversa comigo mesma, 2021

Recortes de pintura a óleo, cordas de
sisal, lã e algodão sobre cobertor

[Oil painting cutouts, sisal ropes, wool
and cotton on blanket]

220 x 210 cm



GOKULA STOFFEL
Conversa comigo mesma, 2021
Detalhe [Detail]



GOKULA STOFFEL
Conversa comigo mesma, 2021



GOKULA STOFFEL

De cara-amarrotada, 2021

Trama de lã e algodão em barra de latão

[Wool and cotton weave on tin bar]

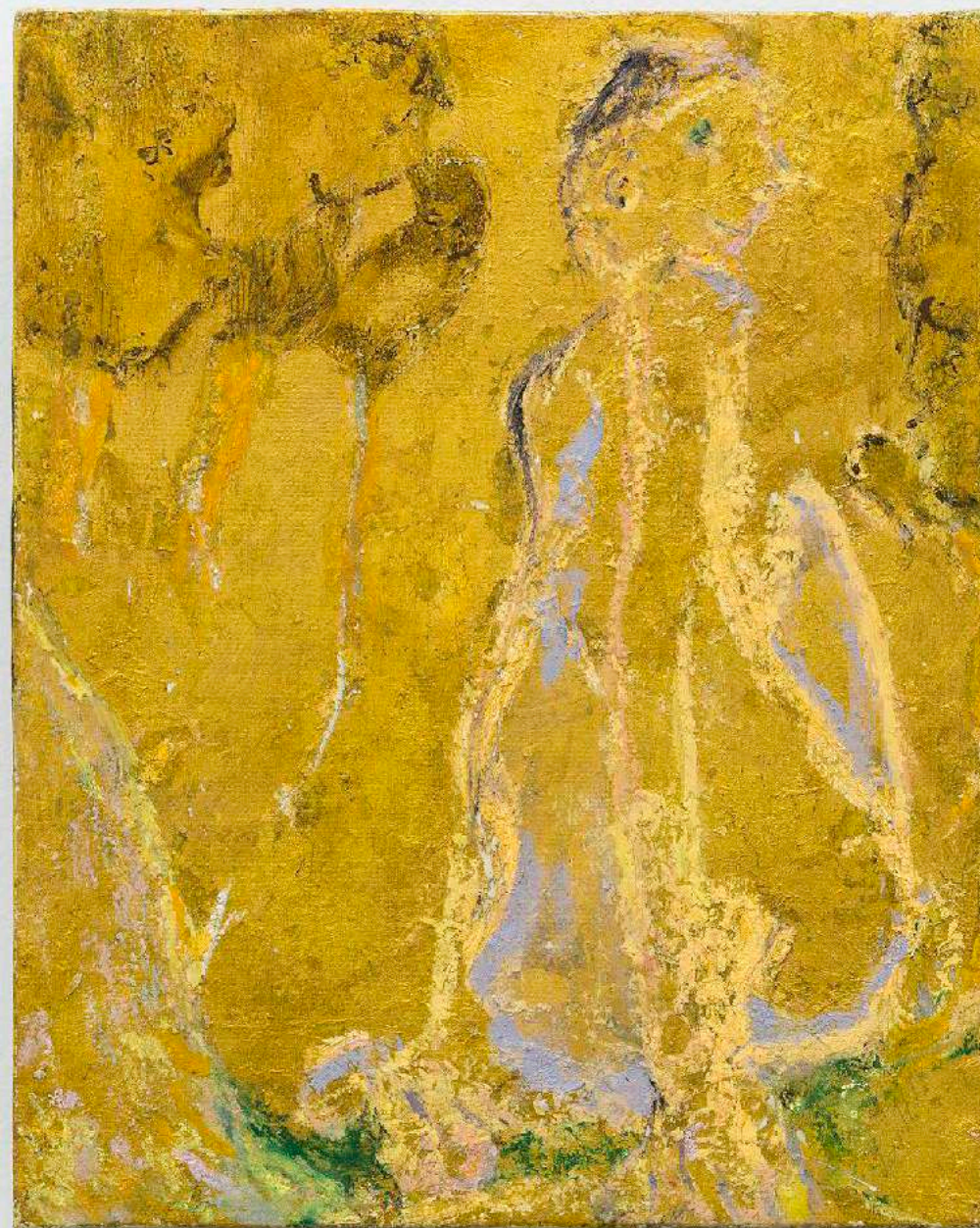
75 x 45 cm



GOKULA STOFFEL
De cara-amarrotada, 2021
Detalhe [Detail]



GOKULA STOFFEL
De cara-amarrotada, 2021



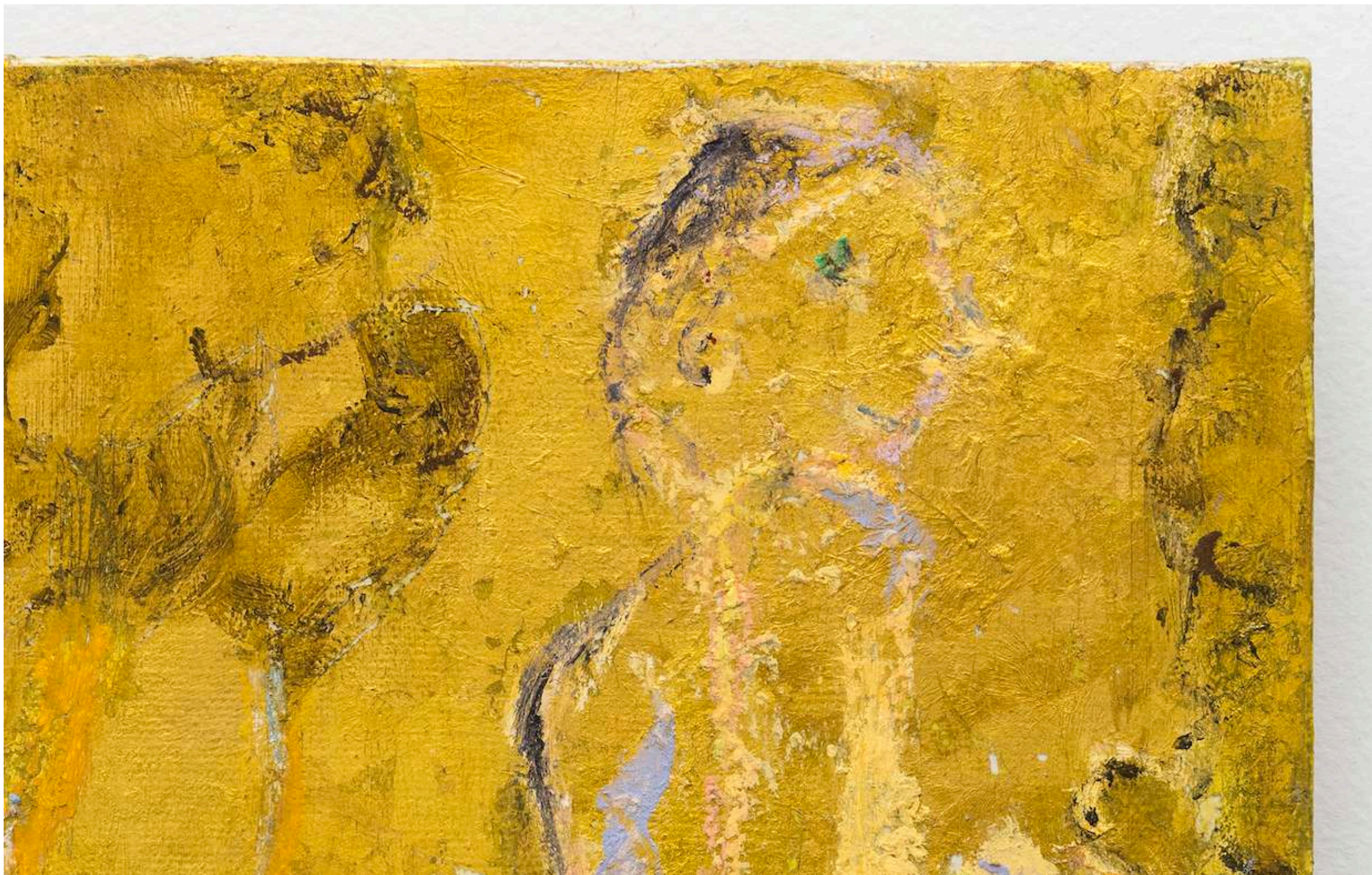
GOKULA STOFFEL

Remanso, 2021

Óleo e folhas de ouro sobre tela

[Oil and golden leafs on canvas]

25 x 20 cm



GOKULA STOFFEL
Remanso, 2021
Detalhe [Detail]

Iran do Espírito Santo

Mococa, 1963

Através de uma prática multidisciplinar que desdobra-se em esculturas, pinturas, desenhos e instalações, Iran do Espírito Santo investiga o espaço entre o concreto e o abstrato ao questionar os limites da representação visual e os hábitos perceptivos típicos do regime óptico contemporâneo. Elegendo materiais cotidianos e frequentemente ligados ao design industrial, o artista subverte os códigos usuais da visão ao explorar e inverter noções de escala, peso e aparência desses objetos. Espírito Santo reflete, portanto, acerca de como nossa compreensão da realidade já pressupõe um vetor determinado, previamente estabelecido, daquilo que entendemos como o real. Em *Can N* (2011), uma pequena lata preta remete à estética do *ready-made*, apesar de esculpida em granito, material de propriedade e consistência insuspeitados para a sua confecção. Já o desenho *Sem Título XI* (2019), estabelece um diálogo com a prática escultórica do artista na medida em que um volume cilíndrico, concebido no plano bidimensional do papel, desafia os limites da visão ao flertar com a tridimensionalidade, resultado do jogo ótico presente em sua composição formal.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)

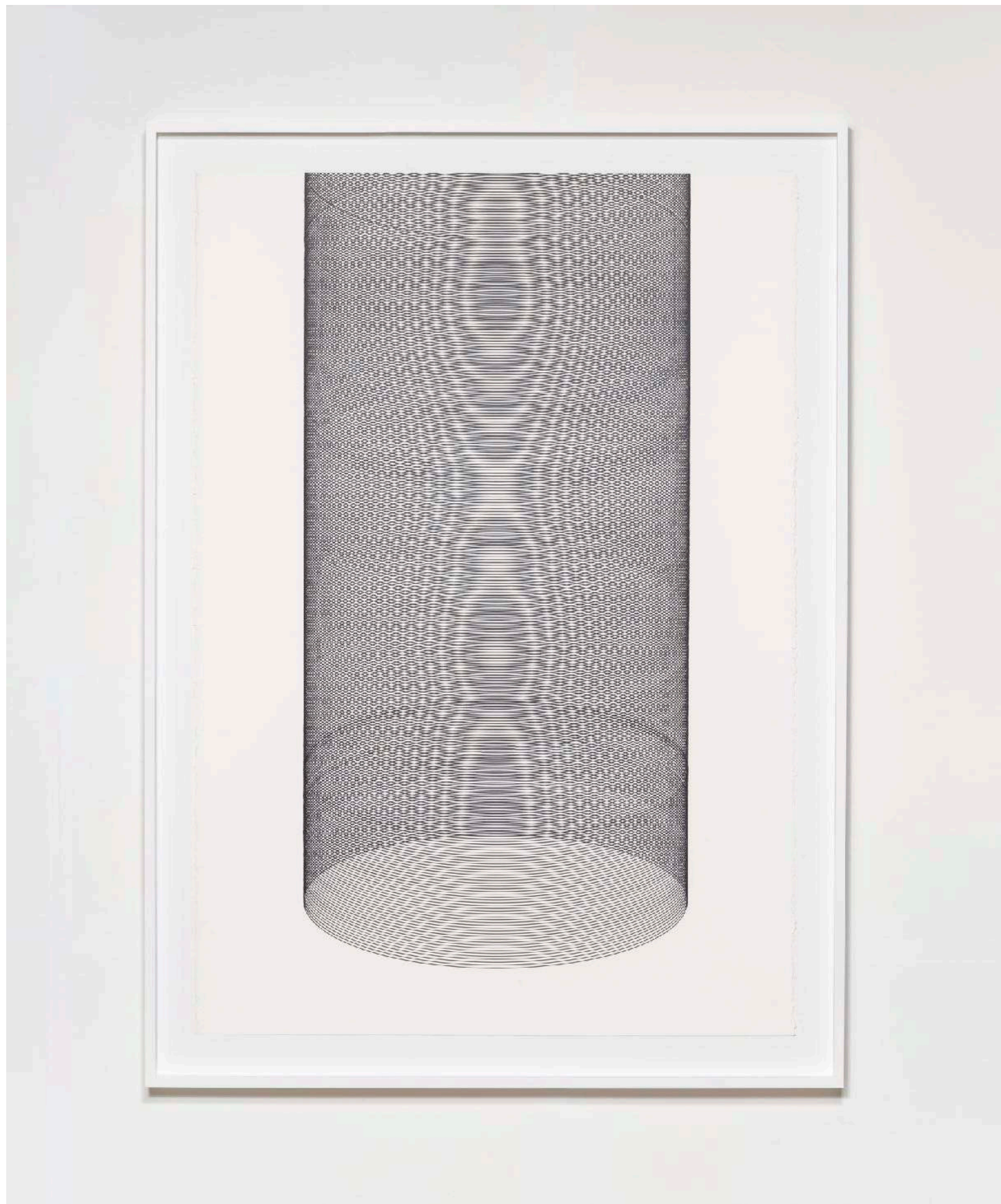
IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Sem Título XI, 2019

Marcador permanente sobre papel

[Permanent marker on paper]

153,5 x 107 cm



IRAN DO ESPÍRITO SANTO
Sem Título XI, 2019





IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Can N, 2011

Granito [Granite]

15 x 20 x 20 cm

Edição de [Edition of] 5 + 2 AP



IRAN DO ESPÍRITO SANTO
Can N, 2011

IRAN DO ESPÍRITO SANTO
Can N, 2011



Jac Leirner

São Paulo, 1961

Através de um complexo vocabulário conceitual, a produção de Jac Leirner elege como ponto de partida e método o acúmulo e a organização em série de objetos cotidianos. Uma vez reagrupados ou justapostos em engenhosas composições escultóricas, transformam-se em novos seres, reconfigurados a partir de um deslocamento semântico e narrativo operado pela artista. Em *Dada Pop (Casal)* (2020), embalagens de papel aparentemente descartáveis são verticalmente dispostas em um arranjo duplo, sublinhando a dimensão narrativa do trabalho. A referência ao dadaísmo, presente no título, aponta tanto para um aspecto de desconstrução e subversão intencionais típicos da vanguarda artística, quanto para o uso do humor, aspecto recorrente na produção de Leirner.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)

JAC LEIRNER
Dada Pop (casal), 2020
Embalagens de papel
[Paper packaging]
170 x 120 cm



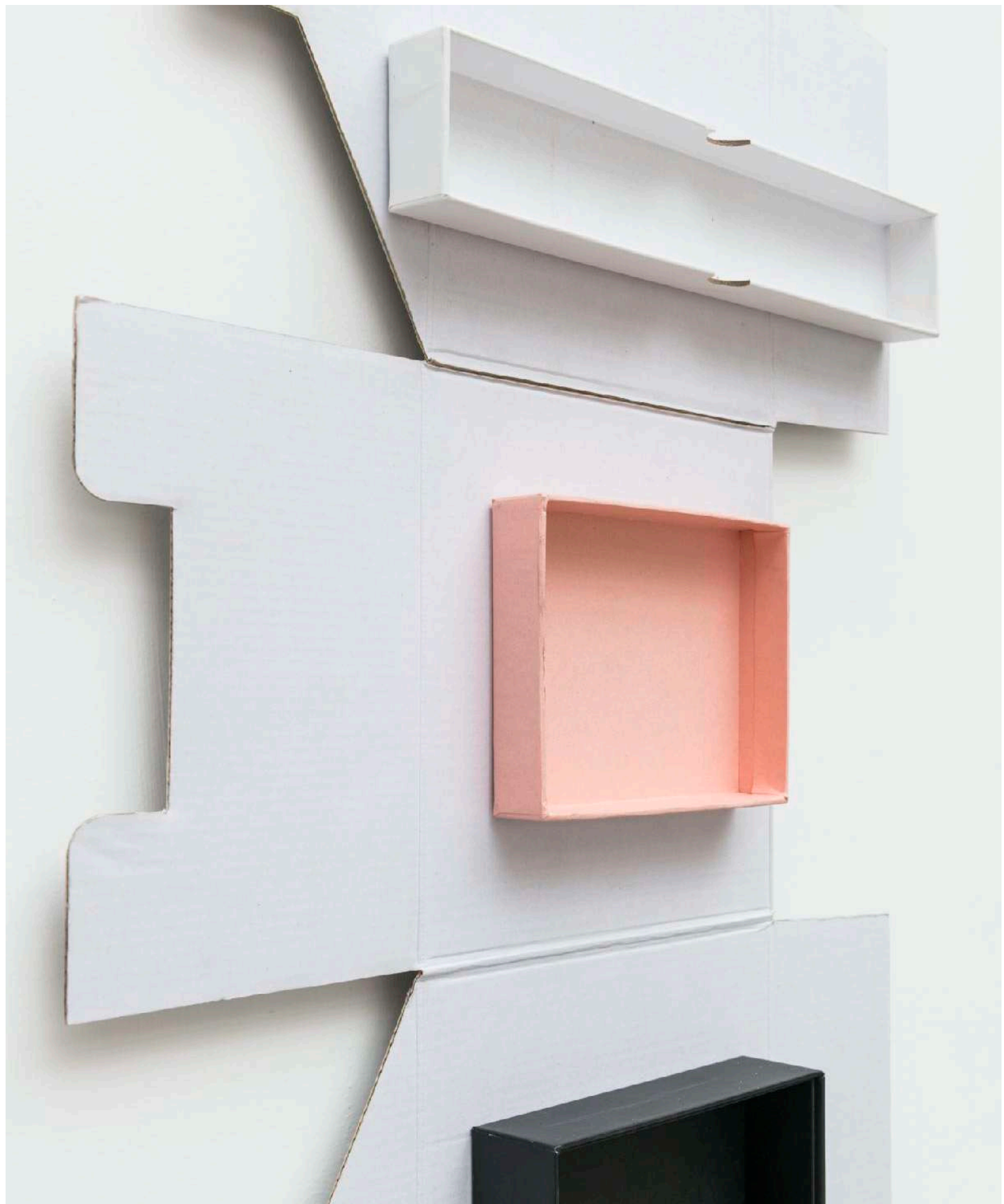
JAC LEIRNER
Dada Pop (casal), 2020



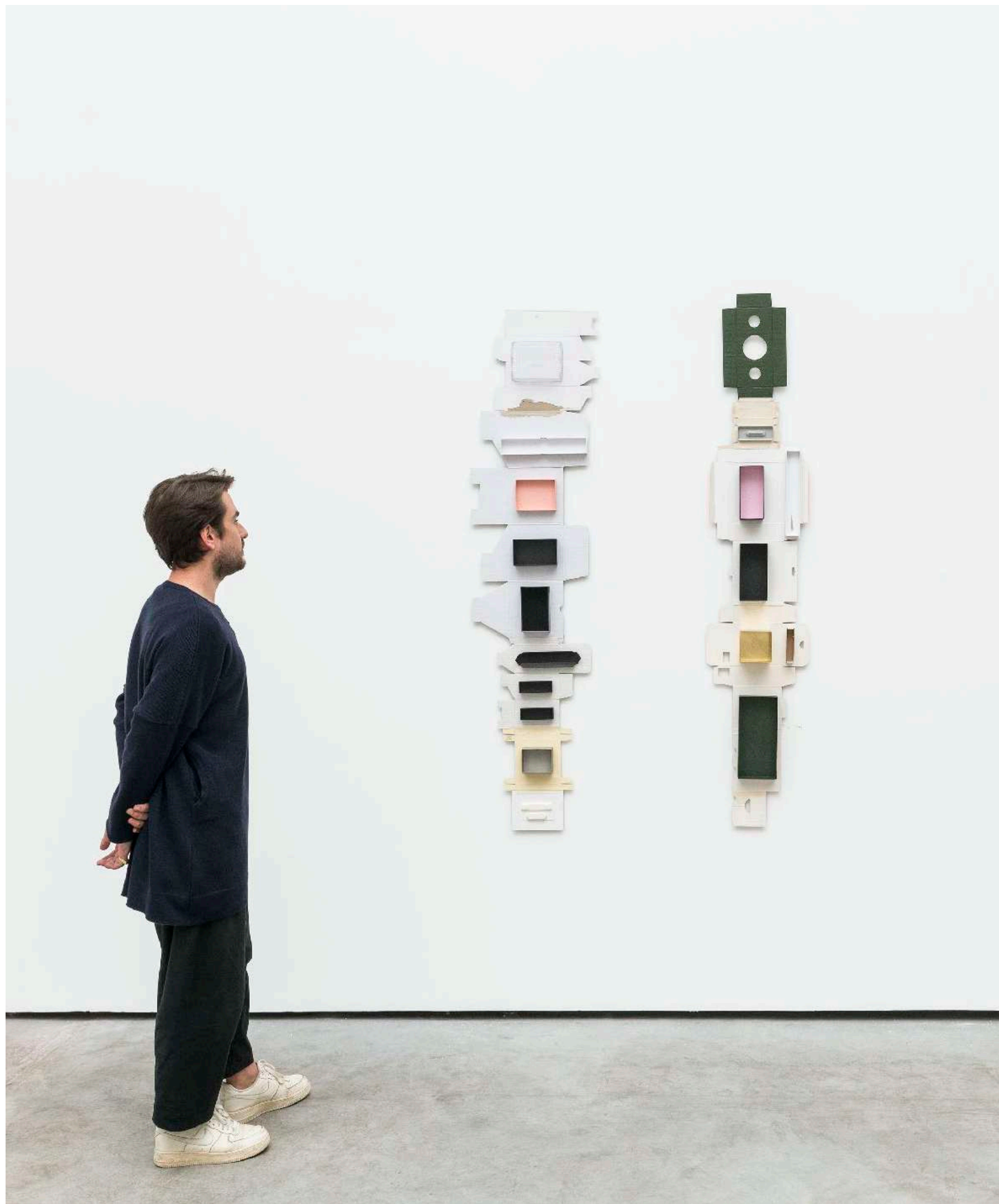
JAC LEIRNER
Dada Pop (casal), 2020
Detalhe [Detail]



JAC LEIRNER
Dada Pop (casal), 2020
Detalhe [Detail]



JAC LEIRNER
Dada Pop (casal), 2020

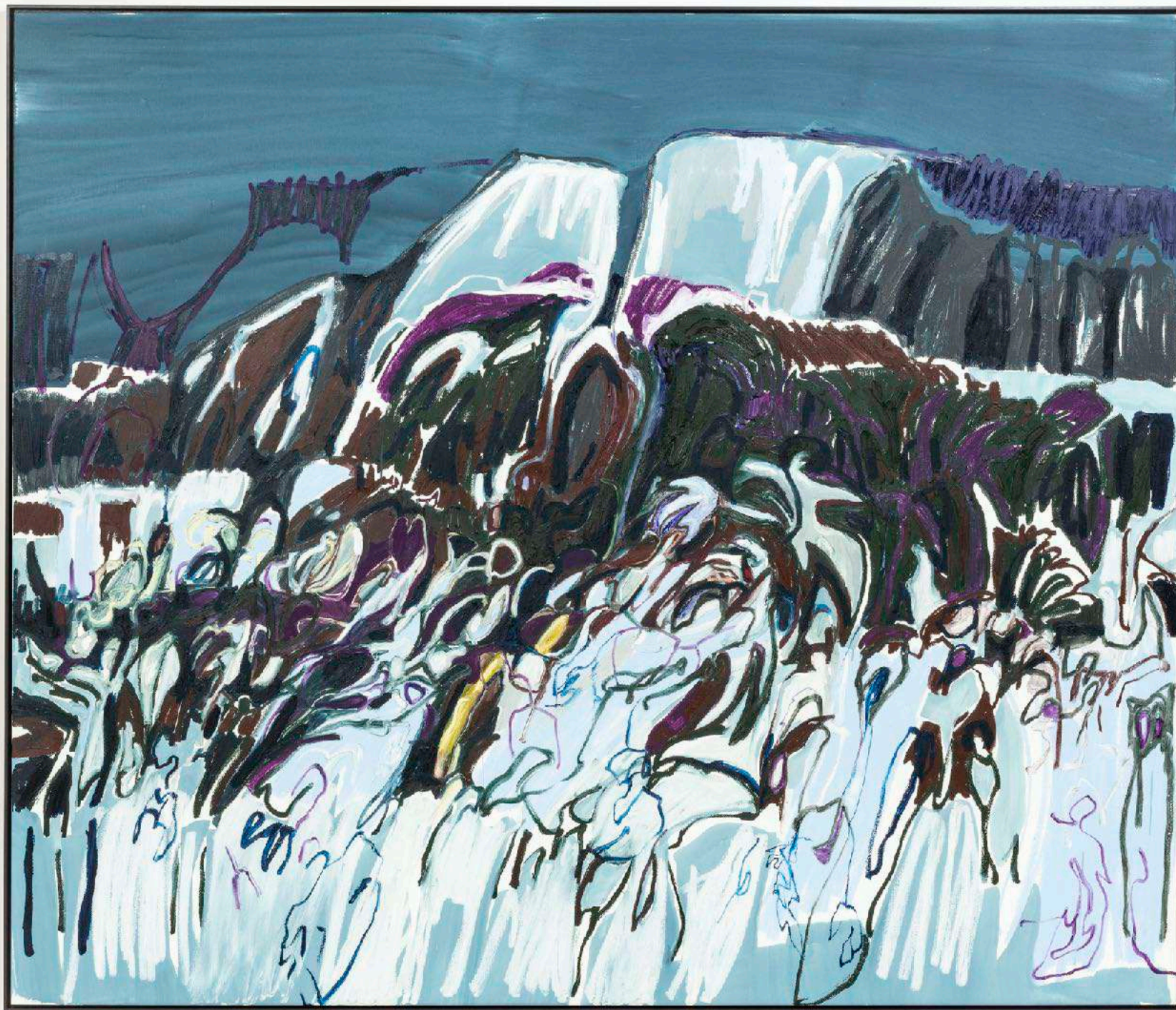


Janaina Tschäpe

Munique, 1973

A obra de Janaina Tschäpe habita o território entre a realidade e a fabulação, tomando forma entre a paisagem vista, a paisagem lembrada e a paisagem emocionalmente incorporada. Suas pinturas são fortemente marcadas pelo gesto e fisicalidade, resultado de um processo em que o corpo da artista está intrinsecamente implicado, presente. Em *Mountains and Moon Flowers* (2021) persiste o contraste entre os traços marcantes de óleo em bastão e pastel oleoso brilhantes e as pinceladas aquosas à base de caseína. A pintura, ainda, é informada por um jogo de cores, formas e padrões encontrados na paisagem; observações processadas e incorporadas na linguagem visual de Tschäpe ilustram como os aspectos formais de sua prática se cruzam com o mundo natural.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



JANAINA TSCHÄPE

Mountains and Moon Flowers, 2021

Tinta à base de caseína, óleo em bastão e pastel oleoso sobre tela [Casein, oil stick and oil pastel on canvas]

216 x 254 cm



JANAINA TSCHÄPE
Mountains and Moon Flowers, 2021
Detalhe [Detail]



JANAINA TSCHÄPE
Mountains and Moon Flowers, 2021
Detalhe [Detail]



JANAINA TSCHÄPE
Mountains and Moon Flowers, 2021

Leda Catunda

São Paulo, 1961

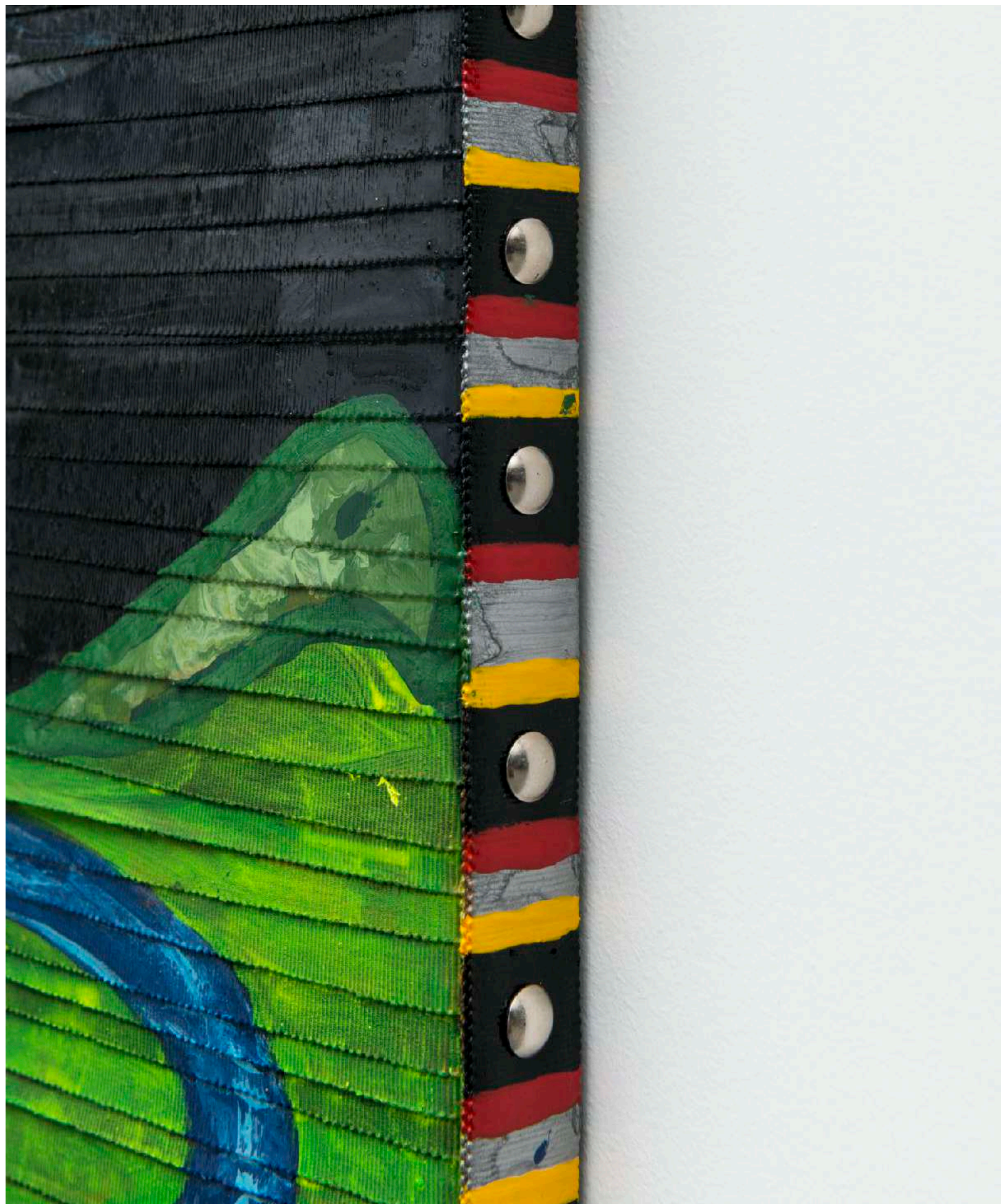
Desde a década de 1980, Leda Catunda desenvolve uma contundente e vasta produção pictórica pautada pela utilização de suportes variados e pouco convencionais como superfície para a realização de suas pinturas. Utilizando tecidos, vestimentas e outros materiais de naturezas diversas como matéria-prima para suas obras, Catunda extrapola o campo bidimensional em trabalhos que flertam com a escultura e a objetualidade, frequentemente ganhando o espaço expositivo em volume e escalas surpreendentes. Capturando a voracidade imagética do nosso tempo, a artista cria obras táteis que se equilibram entre a colagem, a pintura e a costura. Em *Cachoeira* (2021), as gotas — elementos recorrentes do repertório visual de Catunda — são pintadas em diferentes tons de verde e amarelo e entrecortadas pelo azul da água corrente. Já em *Noite Preta* (2021), a artista evoca o silêncio da noite em uma composição de tons mais sóbrios, realizada a partir da sobreposição de fitas de gorgurão recobertas com tinta acrílica e esmalte sintético. As tachinhas fixadas nas laterais da obra fazem alusão direta à cultura popular brasileira, usualmente baseada na transformação da precariedade dos materiais utilizados.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)

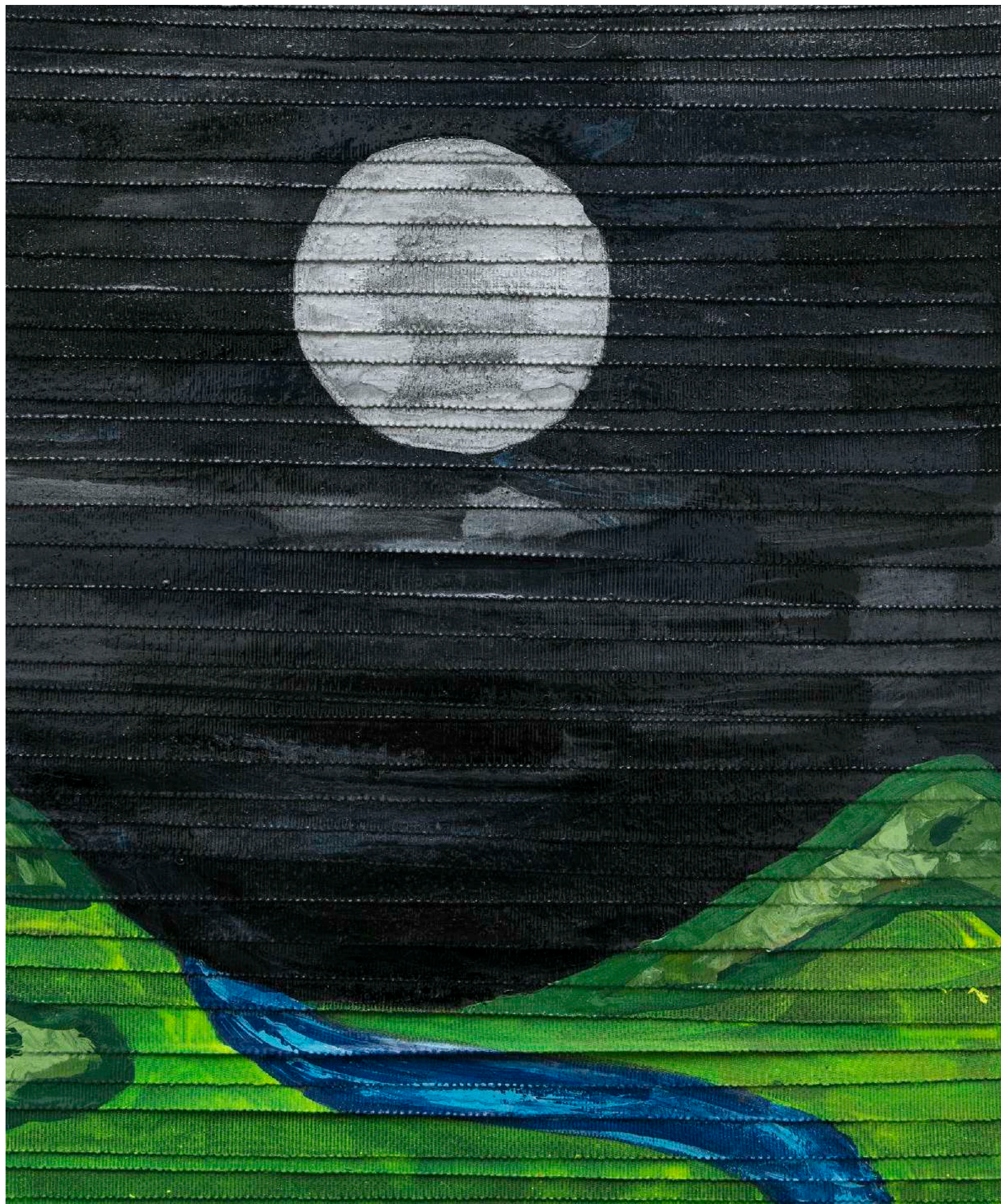
LEDA CATUNDA
Noite preta, 2021
Acrílico sobre tecido
[Acrylic on fabric]
80 x 30 cm



LEDA CATUNDA
Noite preta, 2021
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Noite preta, 2021
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Noite preta, 2021
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Cachoeira, 2021
Colagem [Collage]
173 x 87 cm



LEDA CATUNDA
Cachoeira, 2021



Luiz Zerbini

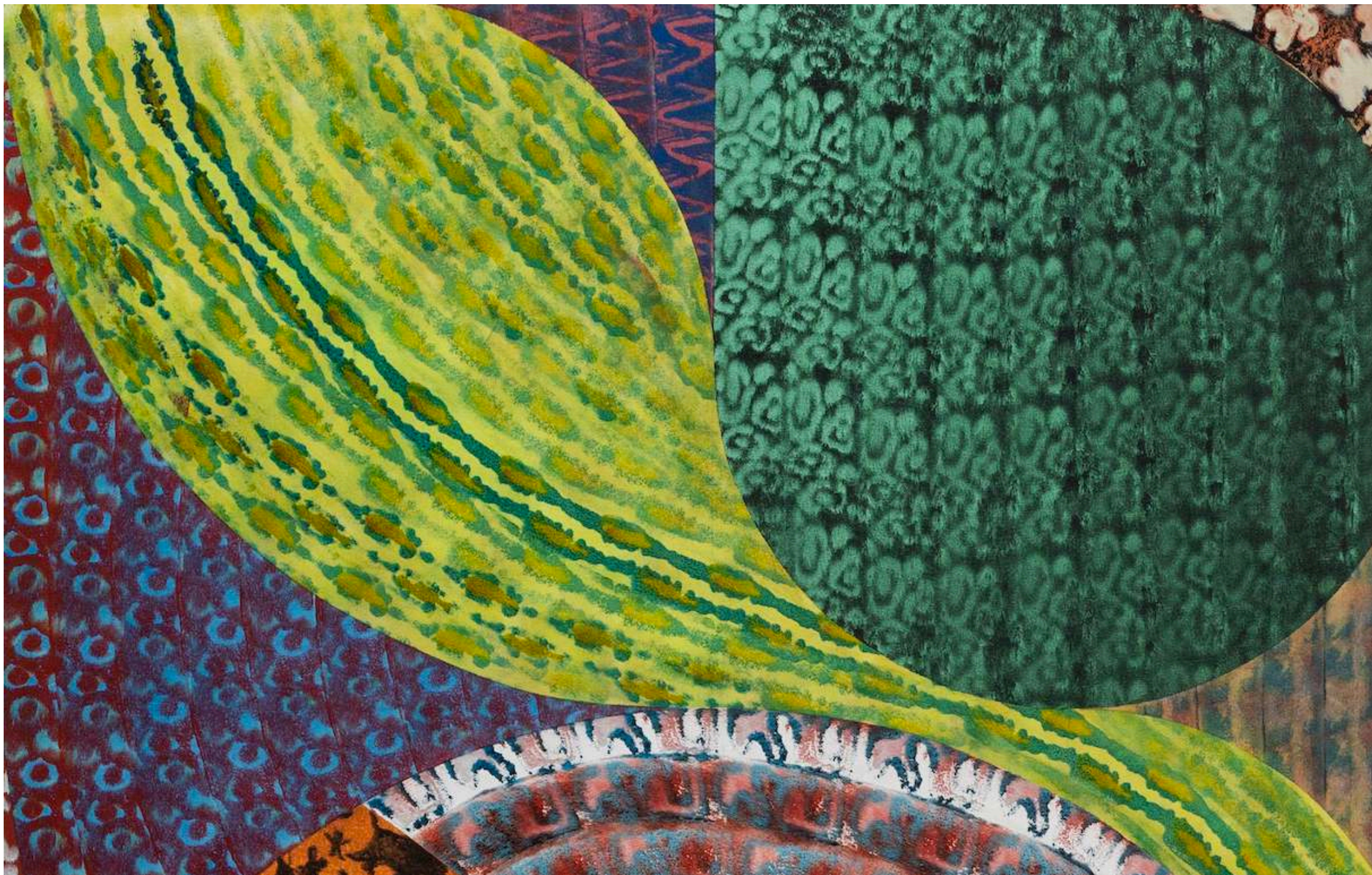
São Paulo, 1959

Em sua pintura, Luiz Zerbini desenvolve um complexo vocabulário visual que articula figuração, abstração e geometria. Para o artista, a tela é um campo expandido de possibilidades, seja enquadrando a perspectiva do espectador ou construindo janelas imersivas que desvendam traços figurativos. Em *Be Leave* (2021), o grid desmembra-se em curvas sinuosas para revelar um complexo jogo de cores, texturas e padronagens gráficas. O interesse do artista por processos de impressão vem crescendo desde que começou a produzir monotipias. Folhas, flores e galhos selecionados e coletados pelo artista são usados como matrizes, criando impressões únicas repletas de camadas de cor e textura. *Botânica, Monotypes*, novo livro de grande formato publicado pela Fondation Cartier, é inteiramente dedicado às monotipias de Zerbini.

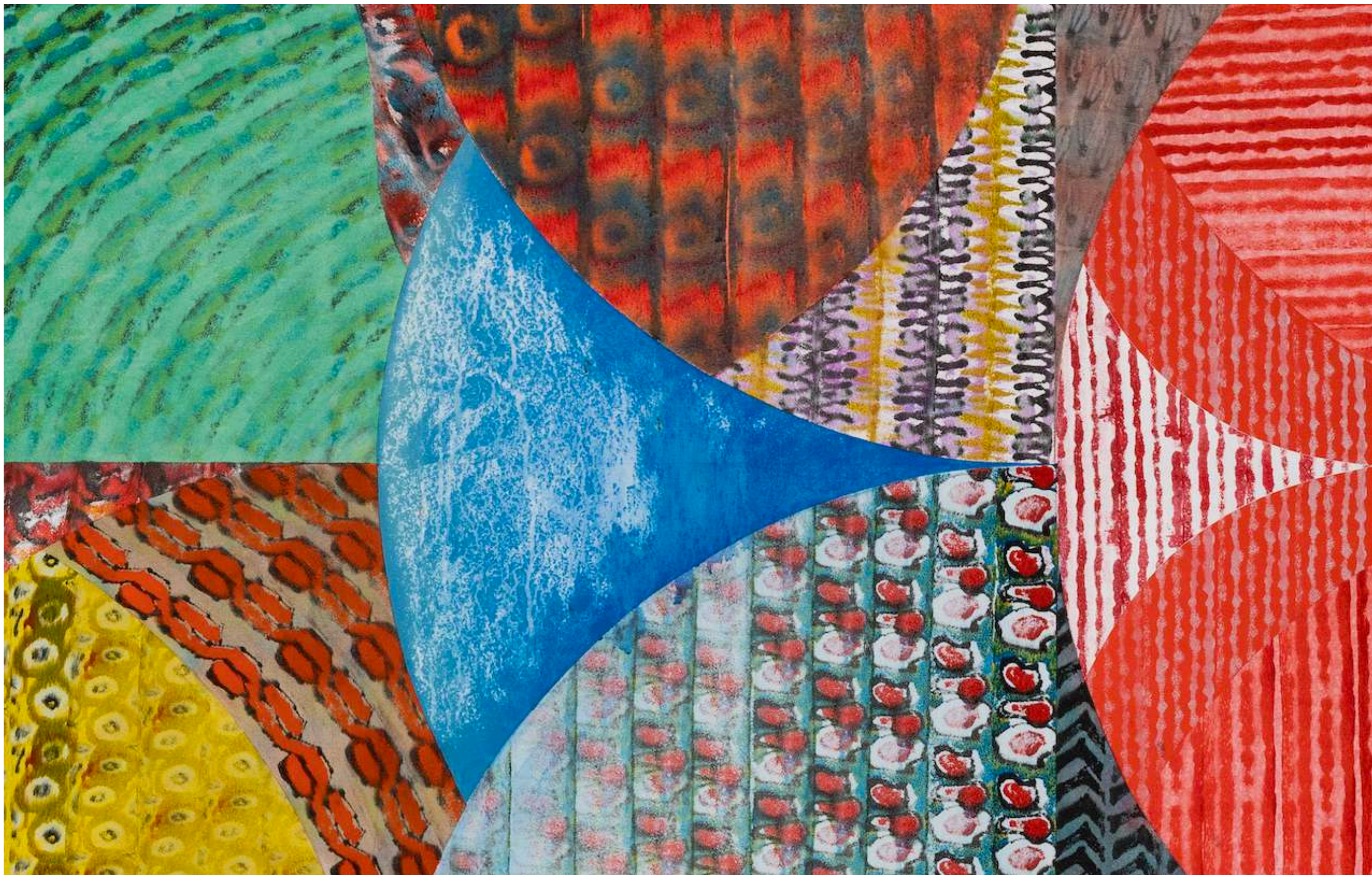
[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



LUIZ ZERBINI
Be Leave, 2021
Acrílico sobre tela
[Acrylic on canvas]
200 x 200 cm

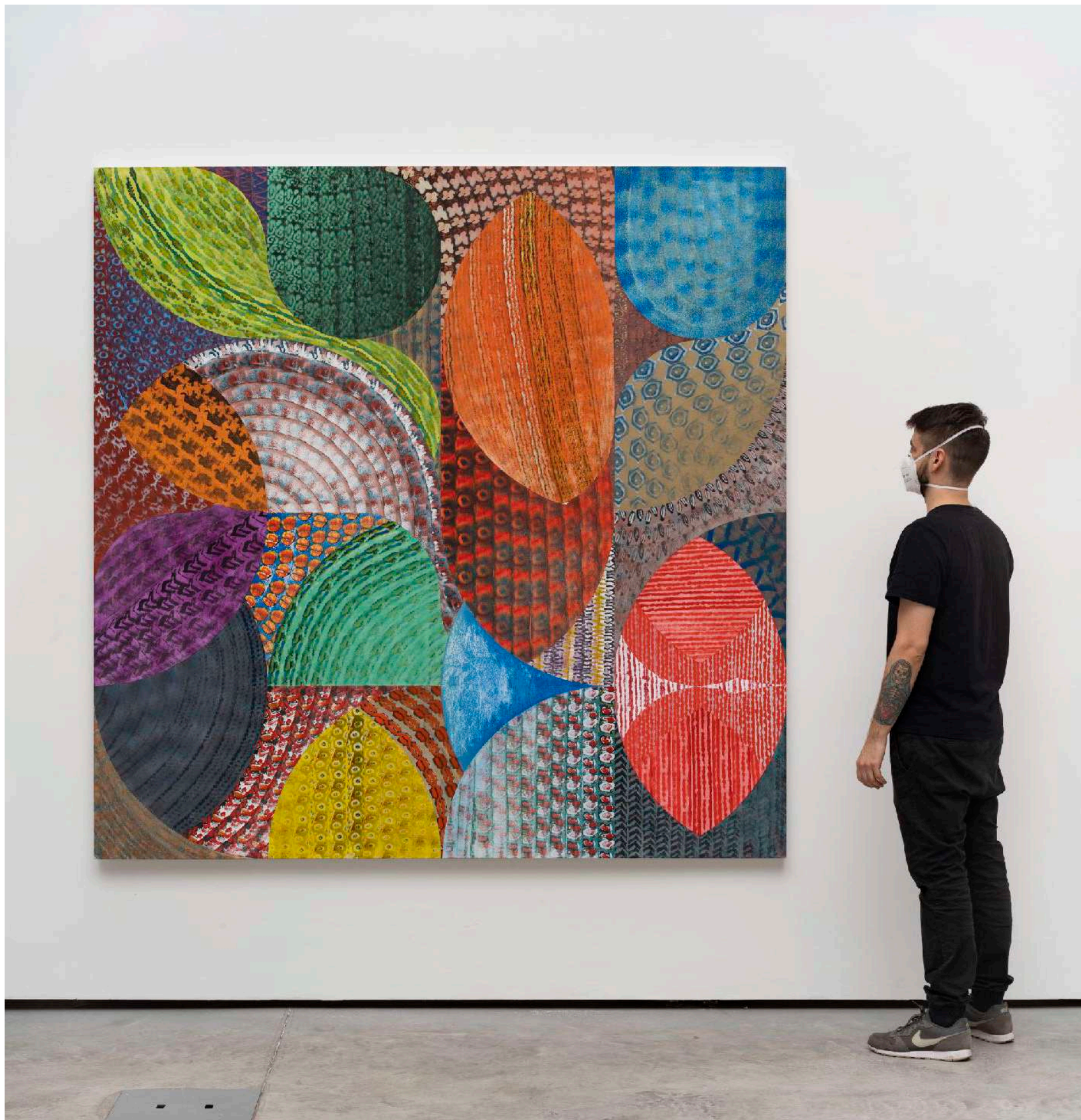


LUIZ ZERBINI
Be Leave, 2021
Detalhe [Detail]



LUIZ ZERBINI
Be Leave, 2021
Detalhe [Detail]

LUIZ ZERBINI
Be Leave, 2021





LUIZ ZERBINI
Sombra d'água, 2021
Óleo e acrílica sobre papel
[Oil and acrylic on paper]
107 x 80 cm



LUIZ ZERBINI
Sombra riscada, 2021
Óleo sobre tela
[Oil on canvas]
107 x 80 cm



Márcia Falcão

Rio de Janeiro, 1985

A pintura figurativa de Márcia Falcão articula relações entre o corpo e a cidade, partindo da experiência da própria artista – uma mulher periférica, não branca – no Rio de Janeiro, cidade onde vive e trabalha. Em sua representação do corpo feminino, a artista reconhece tanto potencialidades quanto fragilidades, sublinhando a complexidade do contexto social em que este se encontra inserido, atravessado por uma paisagem dubiamente bela e violenta, o contraditório cartão do Brasil. Em suas telas – frequentemente realizadas em grande escala – a artista parte de narrativas pessoais que tangenciam o feminino, a maternidade e a violência de gênero. Em *Escombros e feridas* (2021), a figura feminina é representada em uma escala quase limítrofe em relação ao espaço da tela em si, suscitando um senso de claustrofobia e impossibilidade. Como um ser grande demais para ocupar tal espaço, parece voltar-se para dentro, fazendo do corpo sua própria casa – corpo este que evidencia, através da representação da carne, sinais que aludem a uma violência anterior, seja simbólica ou literal.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



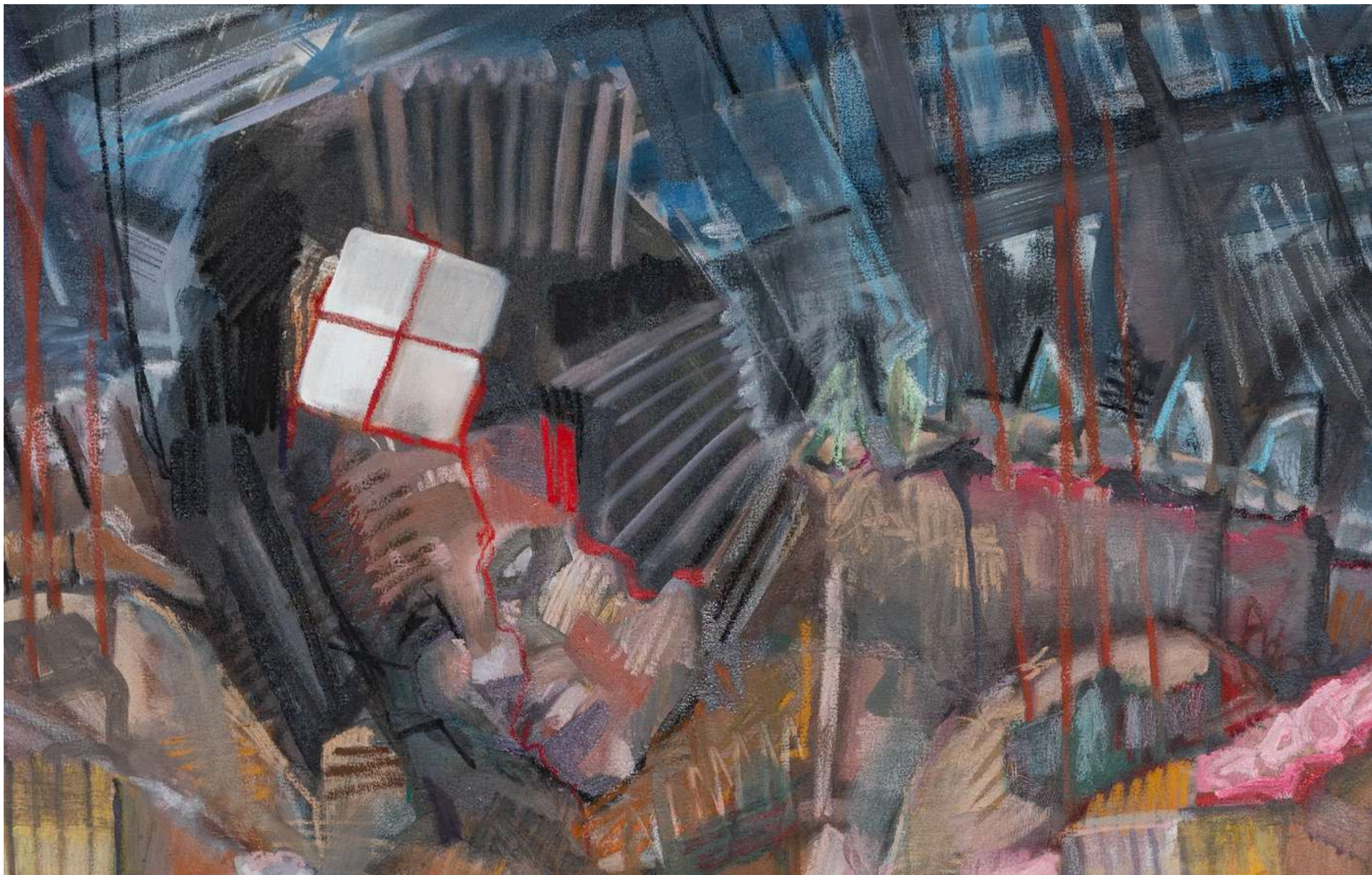
MÁRCIA FALCÃO

Escombros e feridas, 2021

Acrílico, óleo e pastel oleoso sobre tela

[Acrylic, oil and oil pastel on canvas]

220 x 180 cm



MÁRCIA FALCÃO
Escombros e feridas, 2021
Detalhe [Detail]



MÁRCIA FALCÃO
Escombros e feridas, 2021
Detalhe [Detail]



MÁRCIA FALCÃO
Escombros e feridas, 2021

Mauro Restiffe

São José do Rio Pardo, 1970

Desde o final da década de 1980, Mauro Restiffe utiliza a fotografia analógica como suporte singular de sua produção artística. A obra de Restiffe, majoritariamente realizada em *p&b*, abarca uma vasta gama de interesses e referências do próprio universo da fotografia e também da pintura, do cinema e da literatura. A arquitetura perpassa esses assuntos como palco da vida privada e da pública, registrada em momentos precisos e em detalhes insuspeitados, através de um ponto de vista que amplifica e reverbera o simples registro histórico. De instantes capturados de sua vida pessoal a paisagens, de acontecimentos políticos e históricos ao interior de construções modernistas, a fotografia é explorada tanto em seu aspecto físico quanto material, uma vez que a granulação típica de suas imagens as tornam dotadas de uma temporalidade ambígua, embaçada. Fotografias como *Night* (2016), *Bounce* (2016) e *Salvador* (1998), conjugam sombras e reflexos à composições arquitetônicas de diferentes locais, revelando um interesse universal do artista pela arquitetura, mas também pelas camadas narrativas contidas nela.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



MAURO RESTIFFE

Salvador, 1998

Fotografia em emulsão de prata [Gelatin silver print]

50 x 75 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP

MAURO RESTIFFE
Russia (Window at Hermitage), 1996
Fotografia em emulsão de prata
[Gelatin silver print]
35,5 x 28 cm
Edição de [Edition of] 8 + 2 AP





MAURO RESTIFFE

Warchavchik - Cícero Prado 2, 2013

Fotografia em emulsão de prata [Gelatin silver print]

Emoldurada [Framed]: 114 x 169 cm

Edição de [Edition of] 5 + 2 AP

MAURO RESTIFFE

Santo Sospir #9, 2018

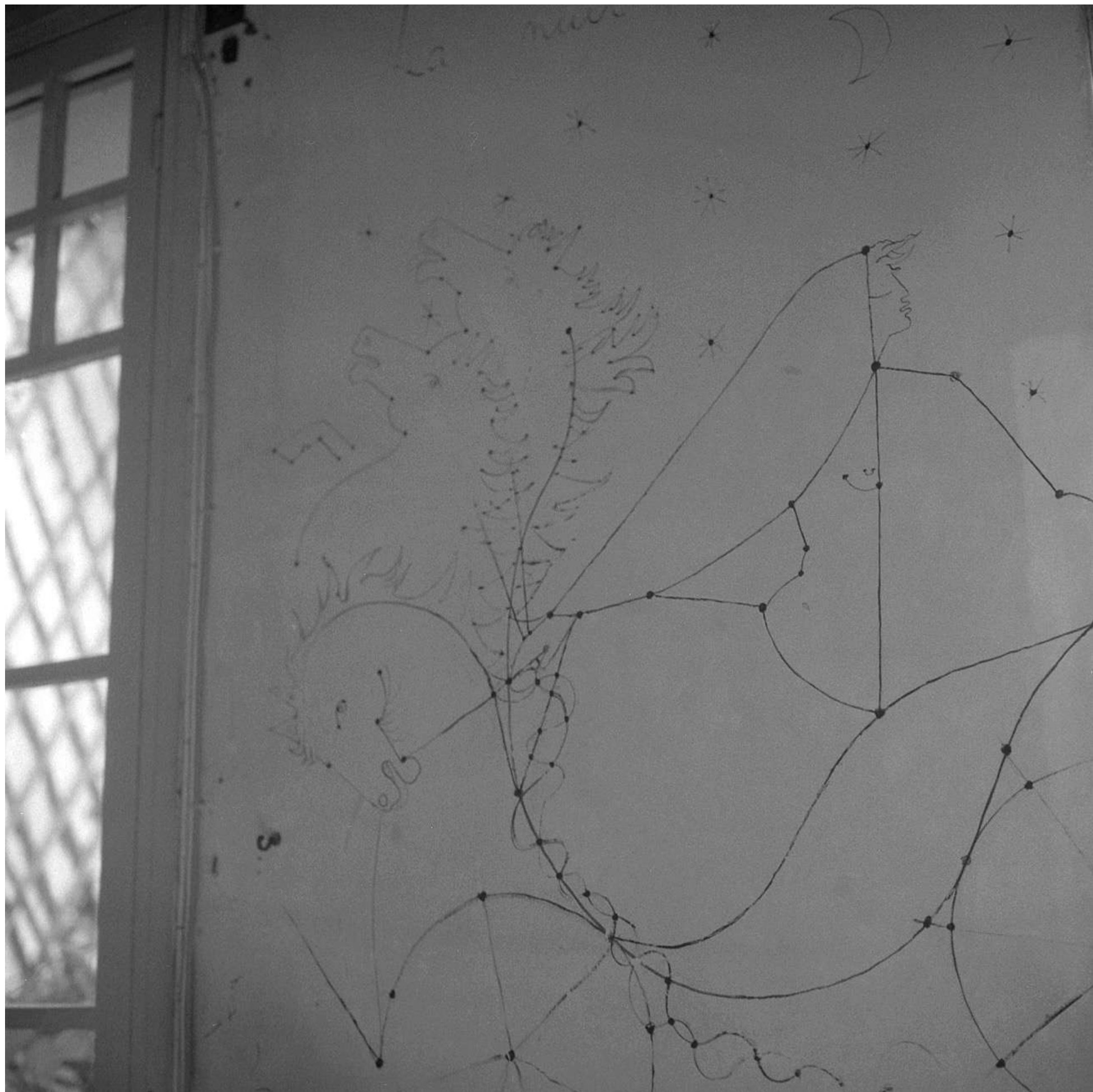
Fotografia em emulsão de prata

[Gelatin silver print]

Emoldurada [Framed]:

106 x 106 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



MAURO RESTIFFE

Bounce, 2016

Gelatina em emulsão de prata
montada e emoldurada em Dibond
[Gelatin silver print framed and
mounted on dibond]

60 x 60 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



MAURO RESTIFFE

Night, 2016

Fotografia em emulsão de prata emoldurada

[Gelatin silver print]

60 x 40 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



Nuno Ramos

São Paulo, 1960

Na série *Brujas* (2020), Nuno Ramos toma um único gesto repetido infinitas vezes como elemento central em trabalhos que mesclam conceitualmente o desenho e a monotipia. A superfície é atravessada pelo desenho e pelo acúmulo de matéria. O pó interage e negocia seu espaço com os poros do papel determinando o resultado final, sem o total controle do artista. *Brujas* — aqui em espanhol *Brujas* — faz referência ao pintor espanhol Francisco de Goya (1746 - 1828), que usou imagens de bruxas como uma crítica social contemporânea. Em pinturas e gravuras, do final do século XVIII, os seus trabalhos ligados ao tema viam a bruxaria — a partir da inquisição — como uma lembrança perene dos perigos e males da religiosidade extrema. Nas palavras de Ramos, esse corpo de trabalho trata de "uma evocação e um chamado de uma potência que não é dispensável agora. É como se a gente precisasse de forças para reagir e lutar de volta contra o que está acontecendo".

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)

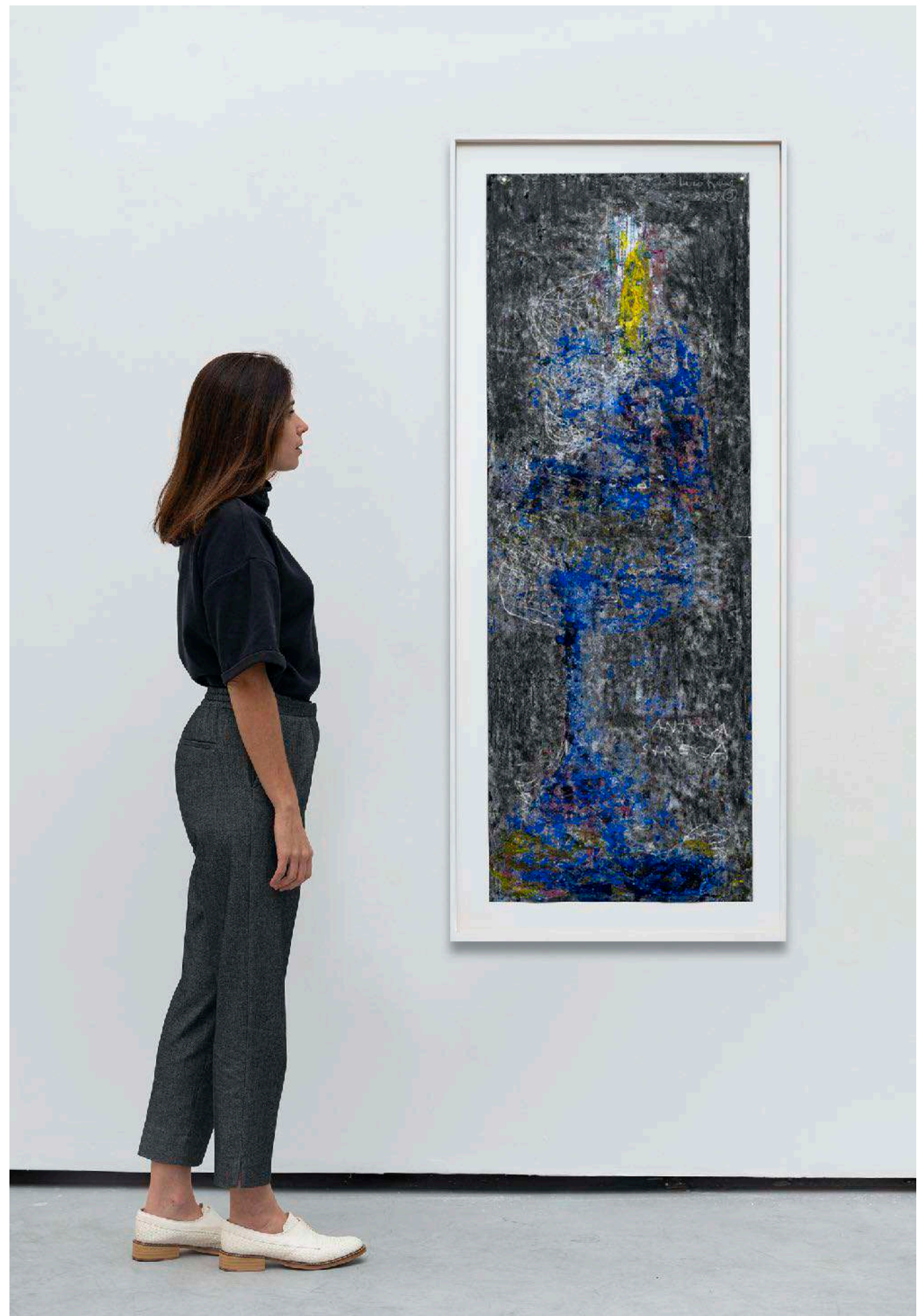
NUNO RAMOS
Brujas 09, 2020
Carvão, grafite e pigmento sobre papel
[Charcoal, graphite and pigment on paper]
168 x 73 cm



NUNO RAMOS
Brujas 09, 2020
Detalhe [Detail]



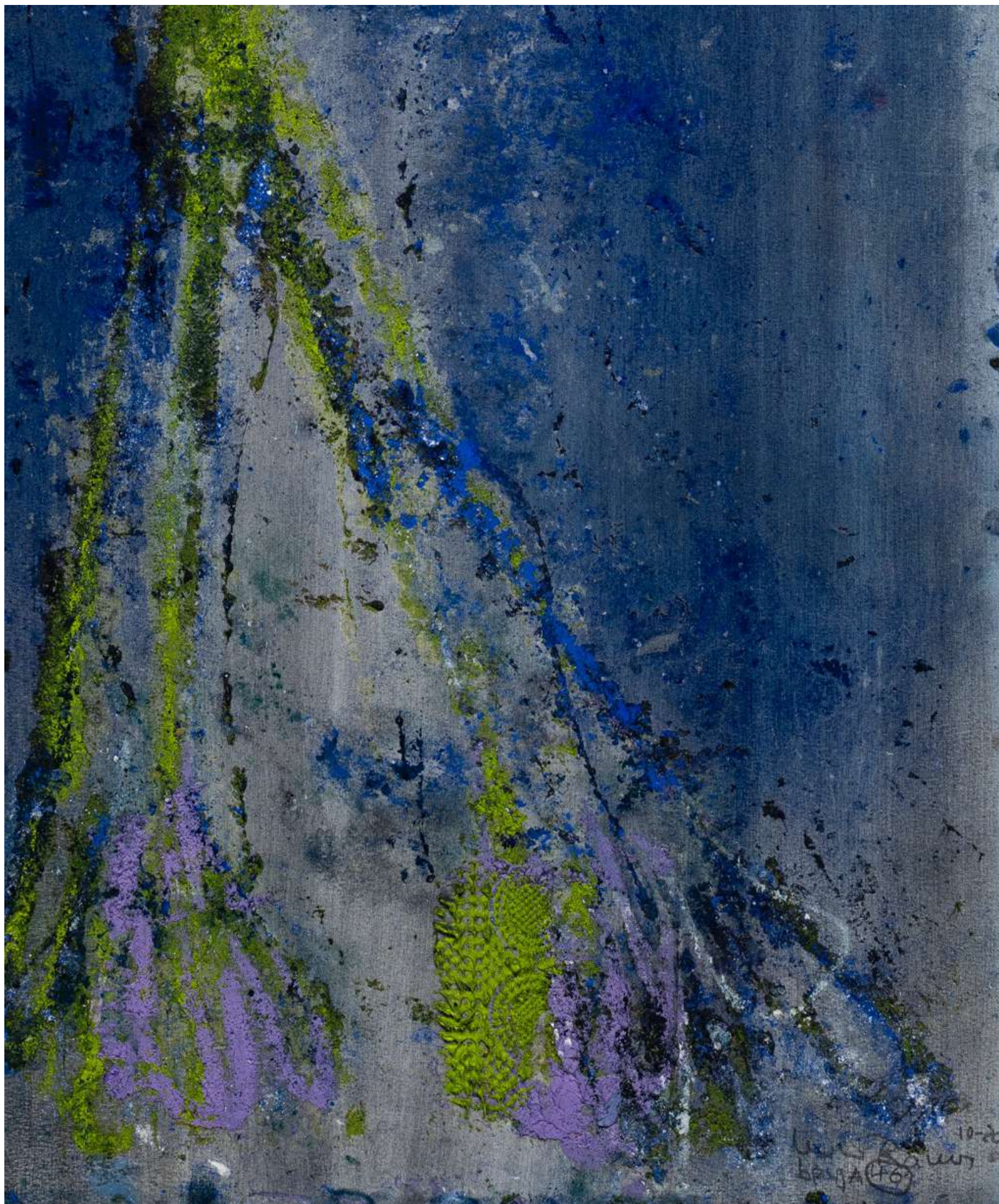
NUNO RAMOS
Brujas 09, 2020





NUNO RAMOS
Brujas 46, 2020
Carvão, grafite e pigmento sobre papel
[Charcoal, graphite and pigment on paper]
168 x 73 cm

NUNO RAMOS
Brujas 46, 2020
Detalhe [Detail]



Rodrigo Cass

São Paulo, 1983

A obra de Rodrigo Cass explora questões que vão da representação sacro-religiosa à tradição moderna da história da arte brasileira. A superfície monocromática de suas pinturas é interrompida por traços de concreto meticulosamente aplicados para criar margens e intervalos, momentos de pausa e silêncio. Os títulos das obras – frequentemente repetidos intencionalmente pelo artista – também desempenham um papel chave na compreensão de sua poética. Originados da série *Material manifesto*, desenvolvida desde 2014 pelo artista, os trabalhos *Revolução do sensível* (2021) e *Sensível manifesto* (2021) são apresentados em conjunto, aprofundando a investigação do artista em torno da relação entre cor e espacialidade. O artista concebe dois trabalhos bidimensionais onde aprofunda sua pesquisa em torno dos desenhos geométricos realizados com concreto e pigmento sobre linho.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



RODRIGO CASS

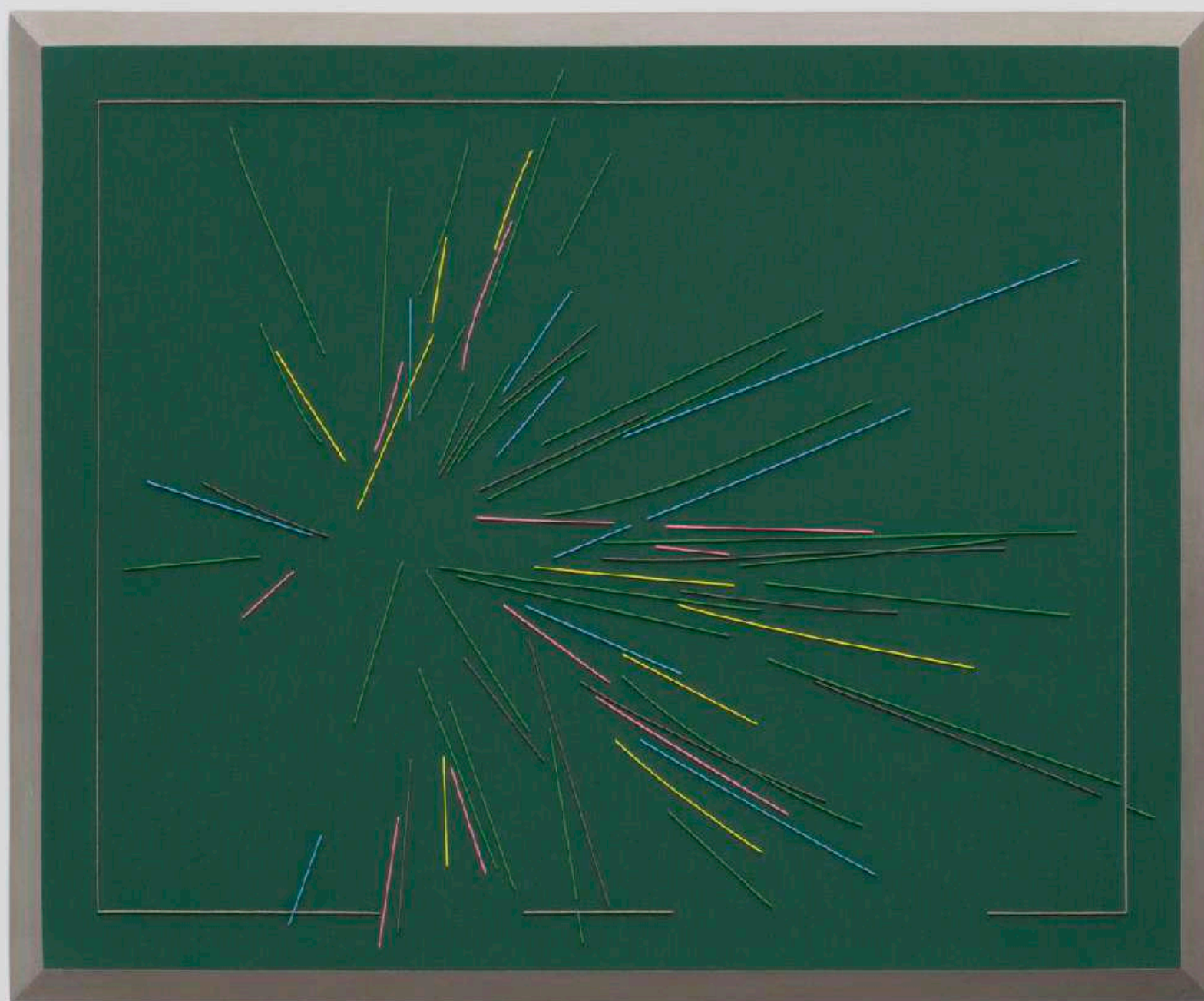
revolução do sensível, 2021

Concreto e pigmento sobre linho [Concrete and pigment on linen]

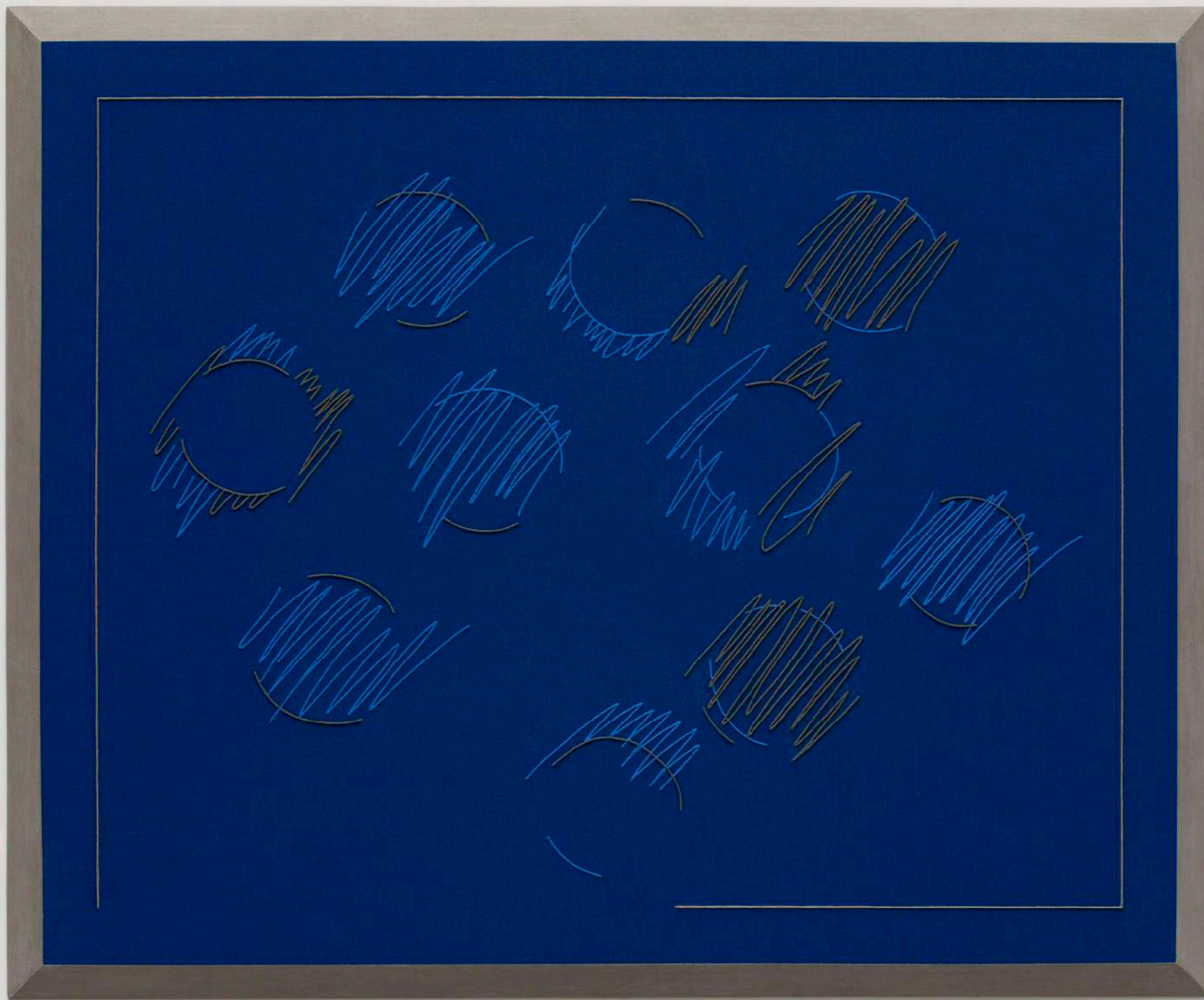
97 x 118 x 4 cm



RODRIGO CASS
revolução do sensível, 2021



RODRIGO CASS
revolução do sensível, 2021



RODRIGO CASS

Sensível Manifesto, 2021

Concreto e pigmento sobre linho [Concrete and pigment on linen]

97 x 118 x 4 cm



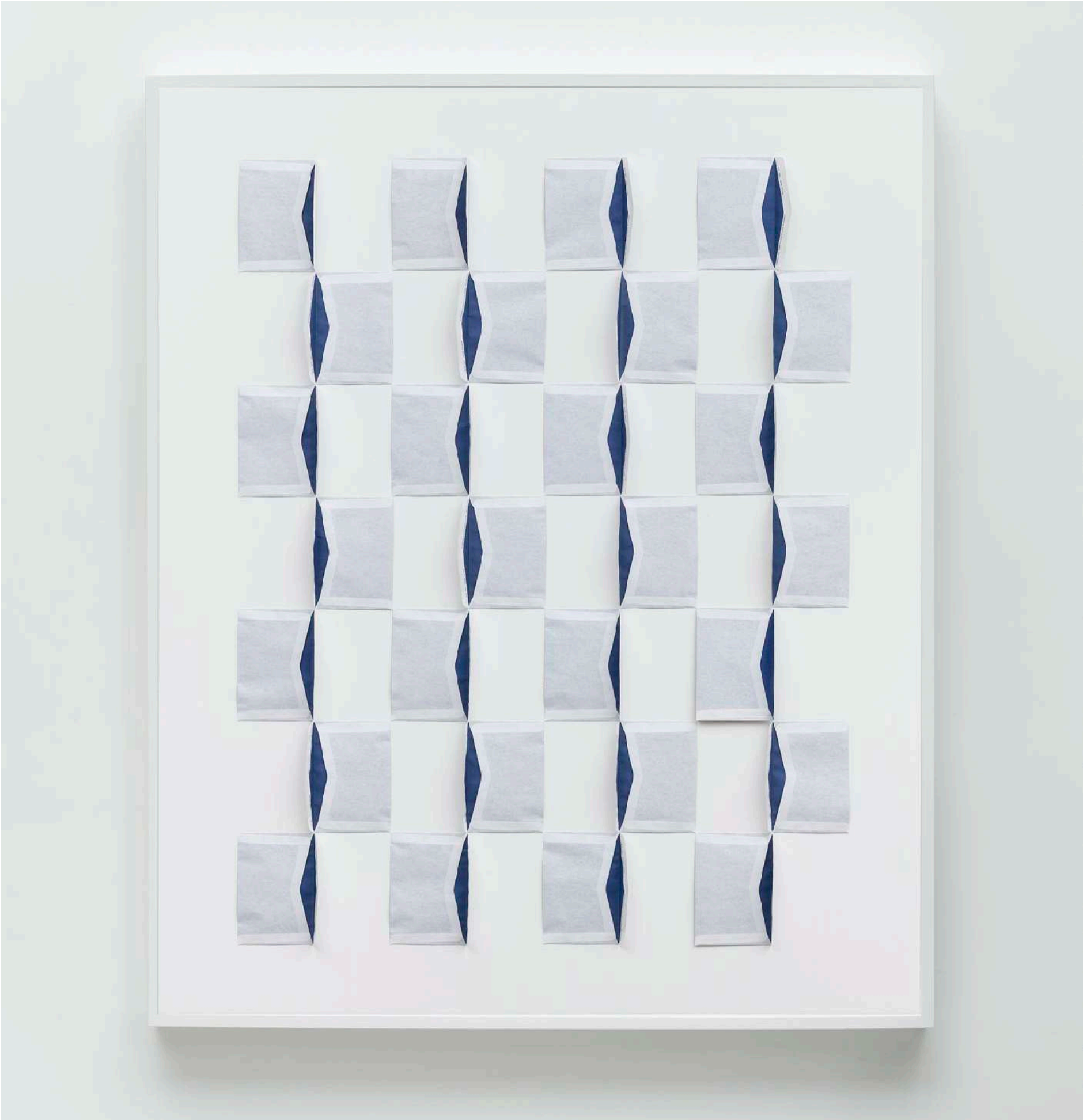
RODRIGO CASS
Sensível Manifesto, 2021

Rodrigo Matheus

São Paulo, 1974

O trabalho de Rodrigo Matheus investiga questões como a natureza da representação, do design e da artificialidade. Em sua prática, o artista considera a qualidade dos materiais utilizados e o circuito social de onde provêm, extraíndo o potencial poético de objetos mundanos, produzidos e consumidos em grande escala, mundo afora. Em sua mais recente série de colagens, Matheus realiza composições geométricas a partir de envelopes de cartas, brancos com o interior azul. A trivialidade do material, no entanto, desaparece à primeira vista, uma vez que a engenhosa *assemblage* do artista opera um jogo óptico que remete à Op-Art, onde a justaposição destes objetos cotidianos resulta em uma composição abstrata que desafia a funcionalidade original dos objetos empregados.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



RODRIGO MATHEUS
Azulejos, 2021
Envelopes
115 x 91 x 3.5 cm



RODRIGO MATHEUS
Azulejos, 2021
Detalhe [Detail]



RODRIGO MATHEUS
Azulejos, 2021
Detalhe [Detail]



RODRIGO MATHEUS
Azulejos, 2021

Sara Ramo

Madrid, 1975

A produção de Sara Ramo desenvolve-se em suportes variados – colagens, esculturas, vídeos, fotografias e instalações – a partir de uma singular investigação de materiais e episódios próprios da vida cotidiana. Ramo elege materiais mundanos, decorativos ou sem importância, como restos de tecidos e papéis, ressignificando-os em obras que sublinham a dimensão poética daquilo que é considerado facilmente descartável no mundo contemporâneo. Na série *Cartas na Mesa*, a artista realiza colagens em tecido que guardam forte relação com estandartes festivos. Como cartas retiradas de um jogo de adivinhação, formam uma espécie de poema visual não codificado, enigmáticas bandeiras cujos enunciados, ainda que não explícitos, aludem aos impasses sociais e políticos dos tempos atuais.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



SARA RAMO

Cartas na Mesa: Peço licença 4. Vivendo as Matas, 2021

Colagem sobre tecido

[Collage on fabric]

62,5 x 38 x 1 cm



SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 4. Vivendo as Matas, 2021
Detalhe [Detail]



SARA RAMO

Cartas na Mesa: Peço licença 3. Abrir os Cantos, 2021

Colagem sobre tecido

[Collage on fabric]

58,5 x 38 x 1 cm



SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 3. Abrir os Cantos, 2021
Detalhe [Detail]



SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 3. Abrir os Cantos, 2021

SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 2. Estala o Corte, 2021
Colagem sobre tecido
[Collage on fabric]
60 x 37 x 1 cm





SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 2. Estala o Corte, 2021
Detalhe [Detail]



SARA RAMO

Cartas na Mesa: Peço licença 1. No Calor dos Tempos, 2021

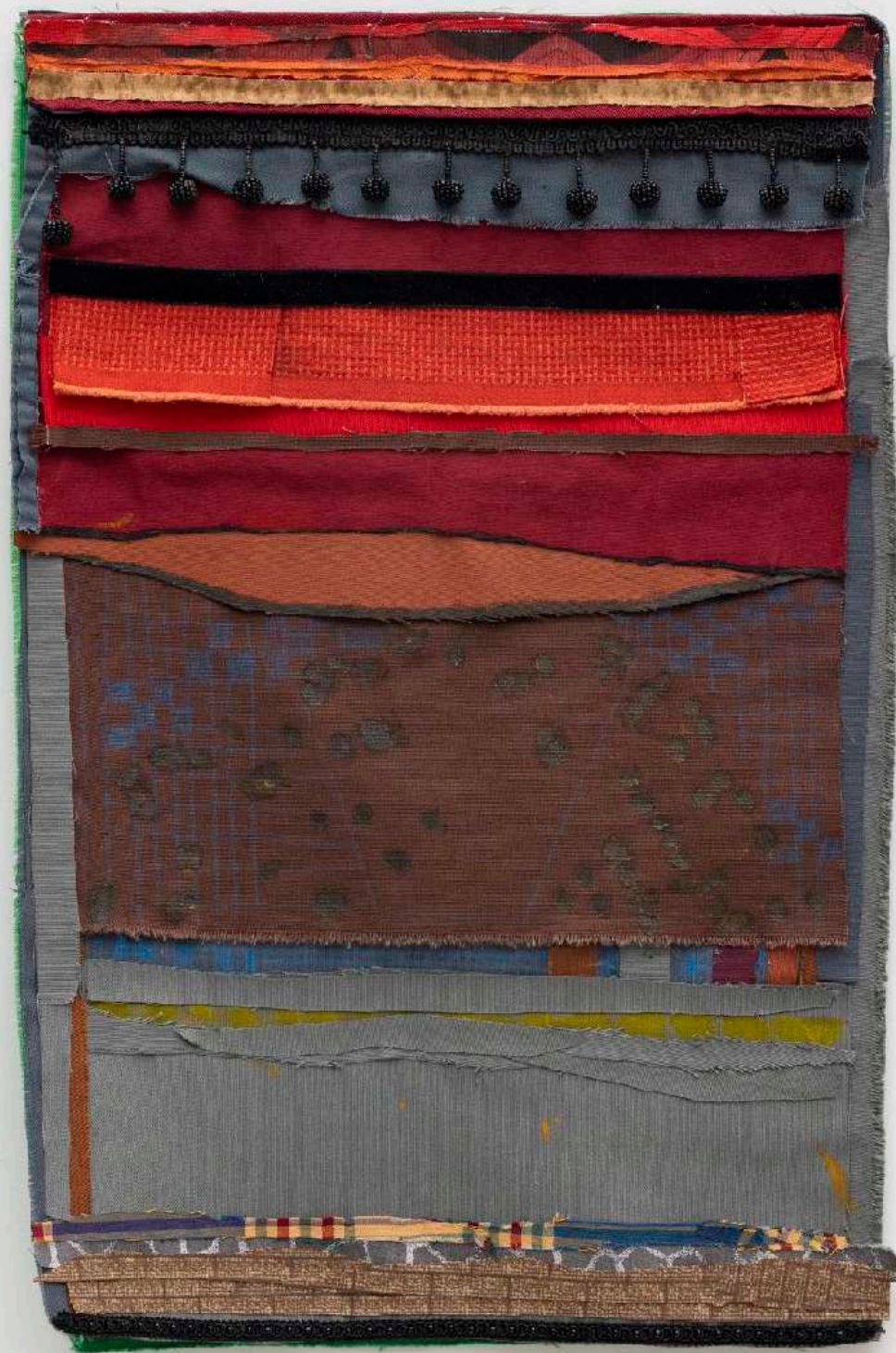
Colagem sobre tecido

[Collage on fabric]

60 x 40 x 1 cm



SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 1. No Calor dos Tempos, 2021
Detalhe [Detail]



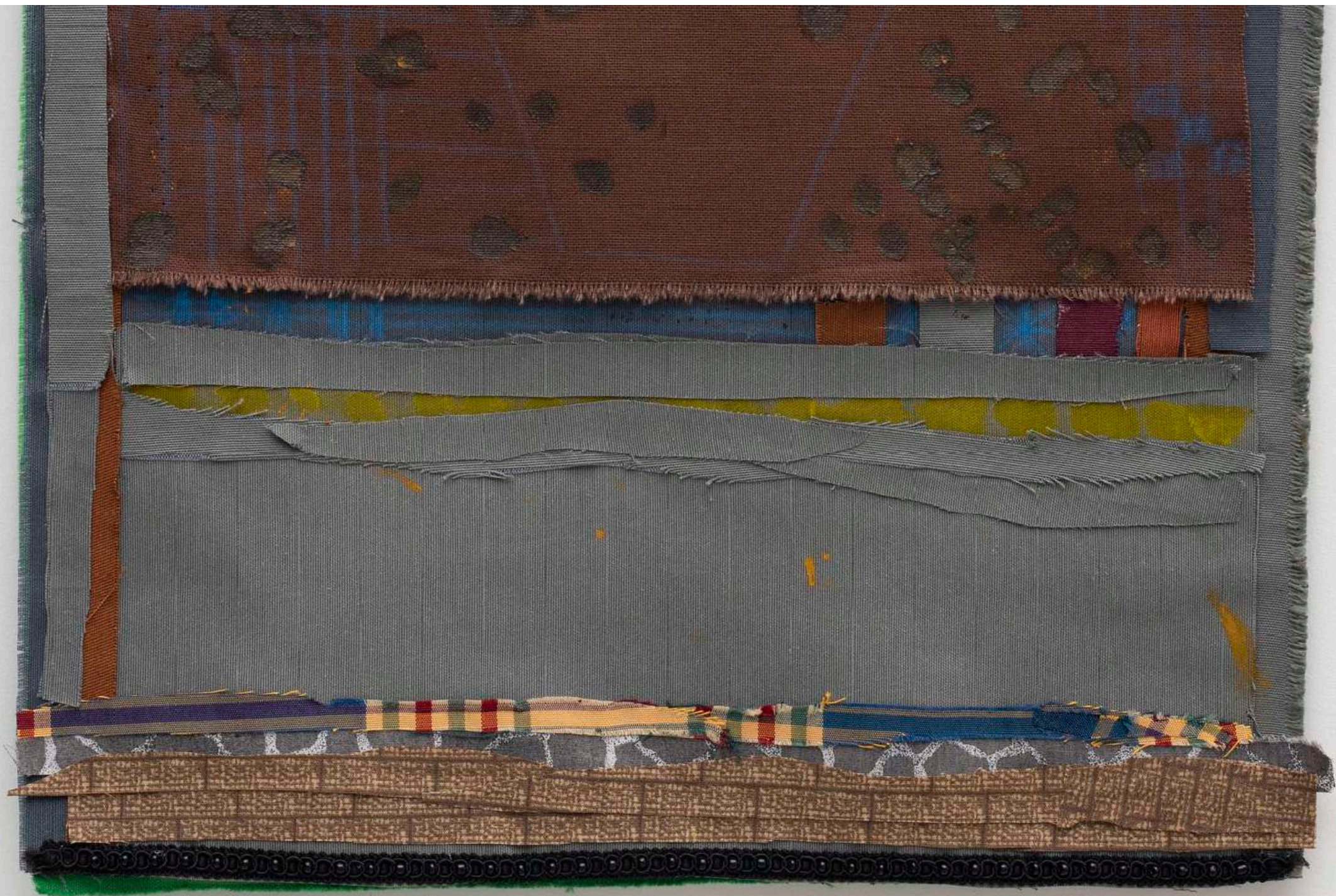
SARA RAMO

Cartas na Mesa: Peço licença 5. Tudo importa, 2021

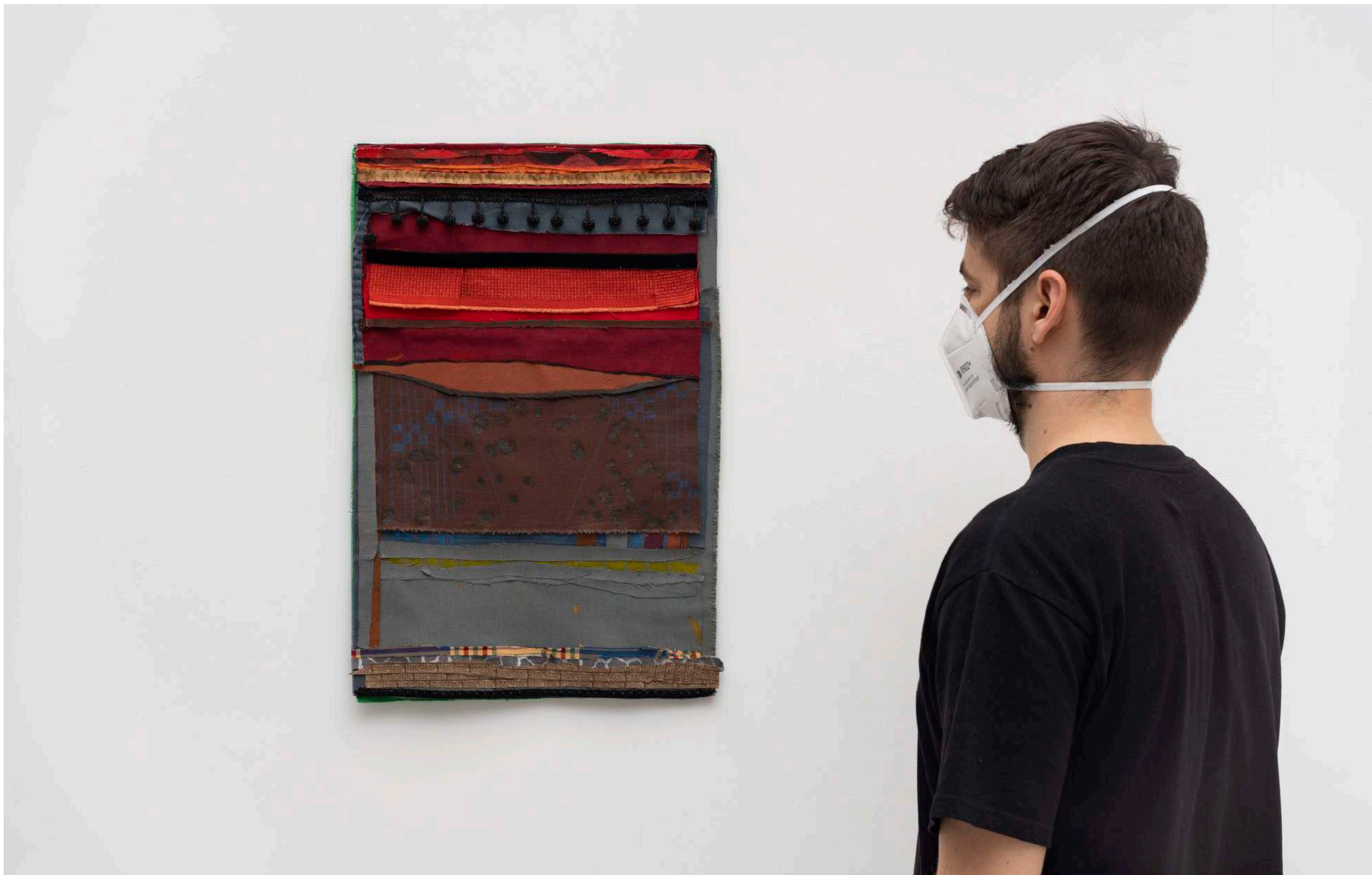
Colagem sobre tecido

[Collage on fabric]

55,5 x 37 x 1 cm



SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peça licença 5. Tudo importa, 2021
Detalhe [Detail]



SARA RAMO
Cartas na Mesa: Peço licença 5. Tudo importa, 2021

Simon Evans™

Simon Evans, Londres, 1972 | Sarah Lannan, Phoenix, 1984

A obra de Simon Evans™, duo colaborativo formado pelo britânico Simon Evans e pela norte-americana Sarah Lannan, desdobra-se em mídias diversas como pinturas, objetos, vestimentas, bandeiras, tapetes e colagens, resultantes de um peculiar léxico visual e linguístico do processo dos artistas. A linguagem textual desempenha um papel singular em obras criadas a partir da coleta de detritos da vida cotidiana, da prática do ateliê e dos espaços pelos quais circulam. Narrativas pessoais e fictícias alternam-se entre mapeamentos, listagens e taxonomias que compõem sua complexa produção, atravessada por um humor que tece críticas ácidas às idiossincrasias e contradições da vida contemporânea. *Rituals are irrational and helpful* (2018) evidencia esta abordagem cáustica em uma grande colagem que reúne fragmentos diversos de papel colados minuciosamente com fita adesiva, sobre os quais os artistas gravam imagens que remetem a um tapete muçulmano. Temática frequente de sua produção, a relação entre artigos decorativos e objetos religiosos aparece aqui como uma crítica ao estágio tardio do capitalismo, capaz de apropriar-se inadvertidamente de narrativas e símbolos de origem sacra e não-ocidental.

[Clique aqui para mais informações sobre os artistas](#)

SIMON EVANS™

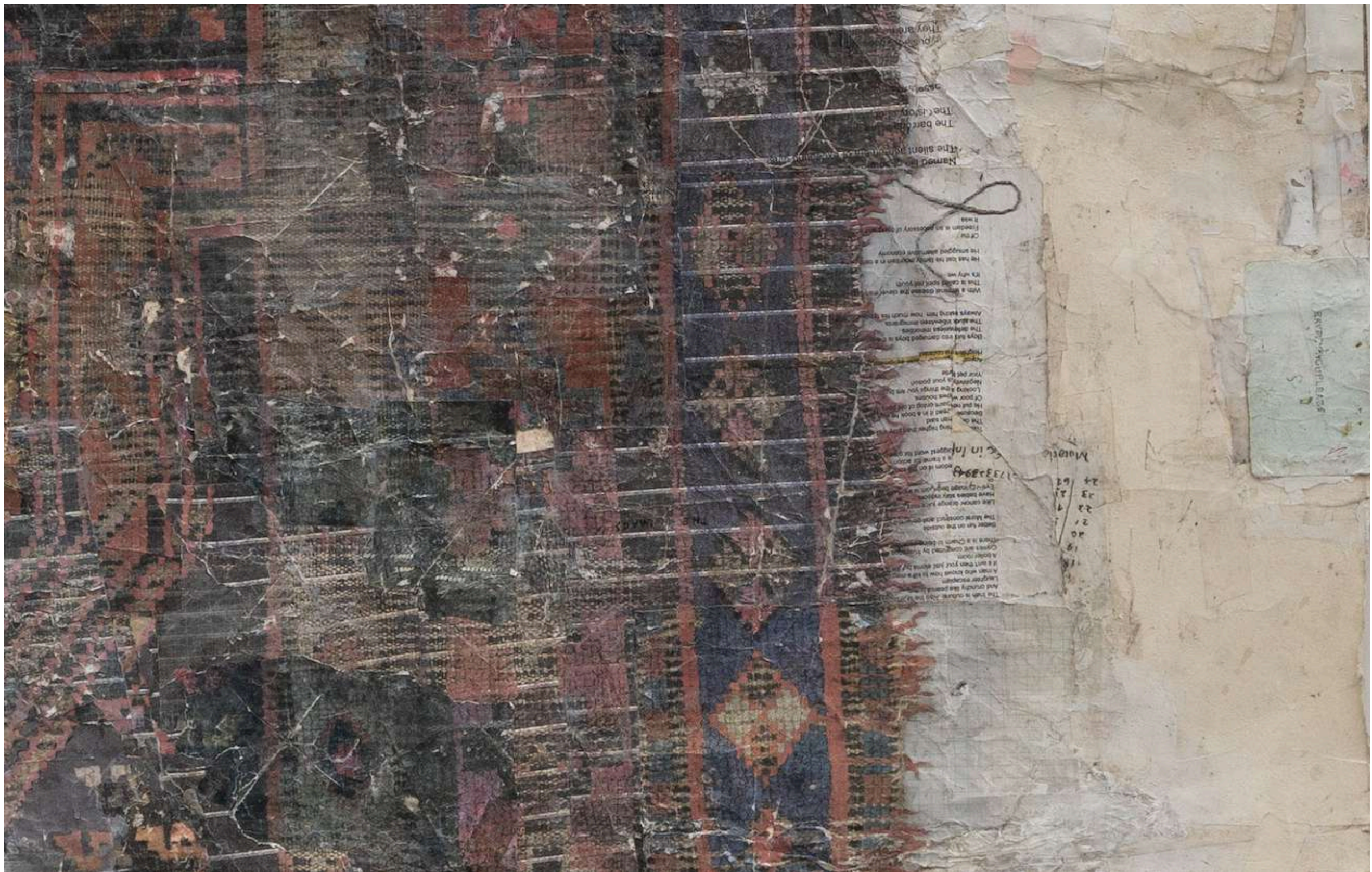
Rituals are Irrational and Helpful, 2018

Papel, fotocópia e fita adesiva

[Paper, photocopy and tape]

158 x 120 cm

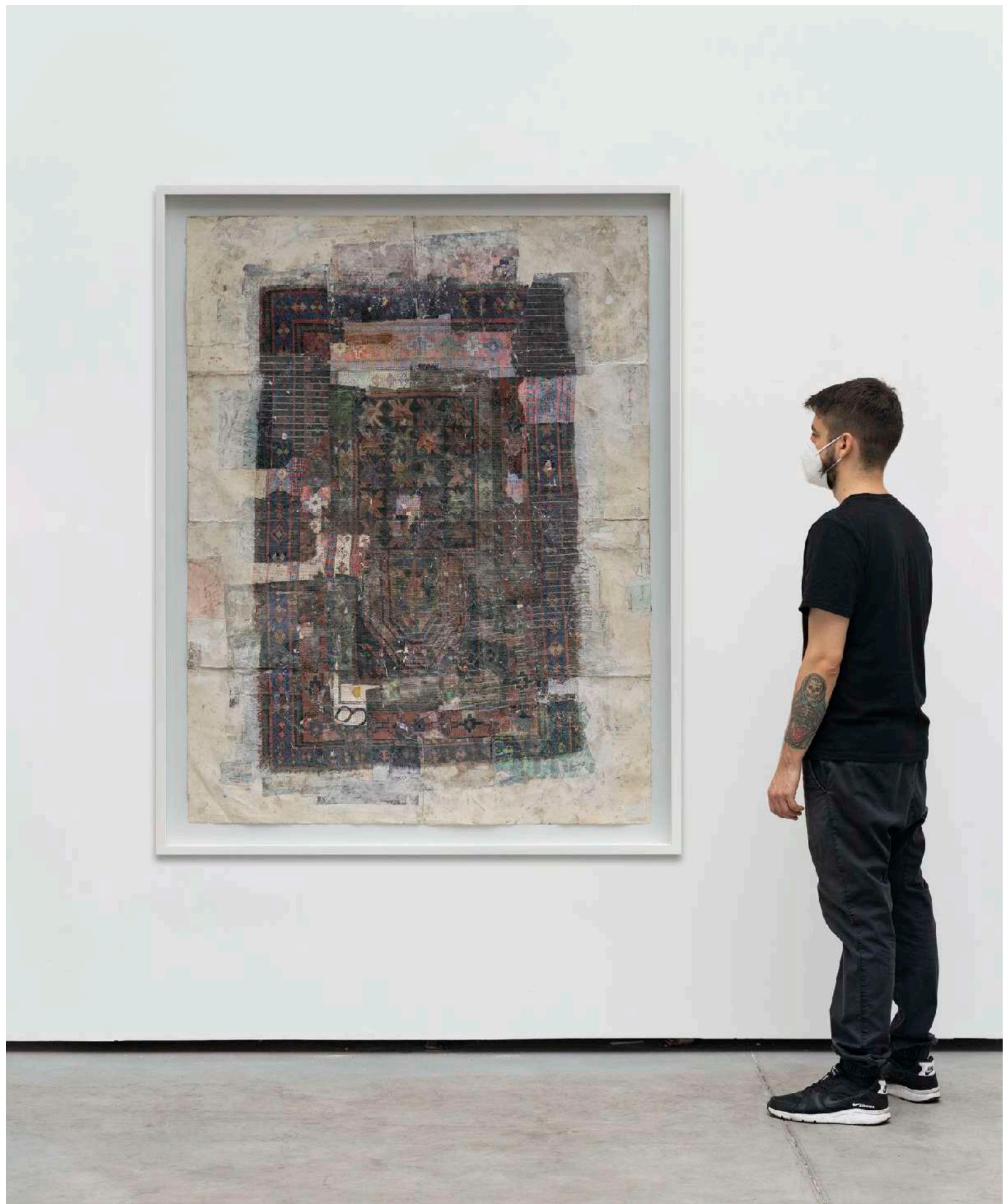




SIMON EVANS™
 Rituals are Irrational and Helpful, 2018
 Detalhe [Detail]



SIMON EVANS™
Rituals are Irrational and Helpful, 2018
Detalhe [Detail]



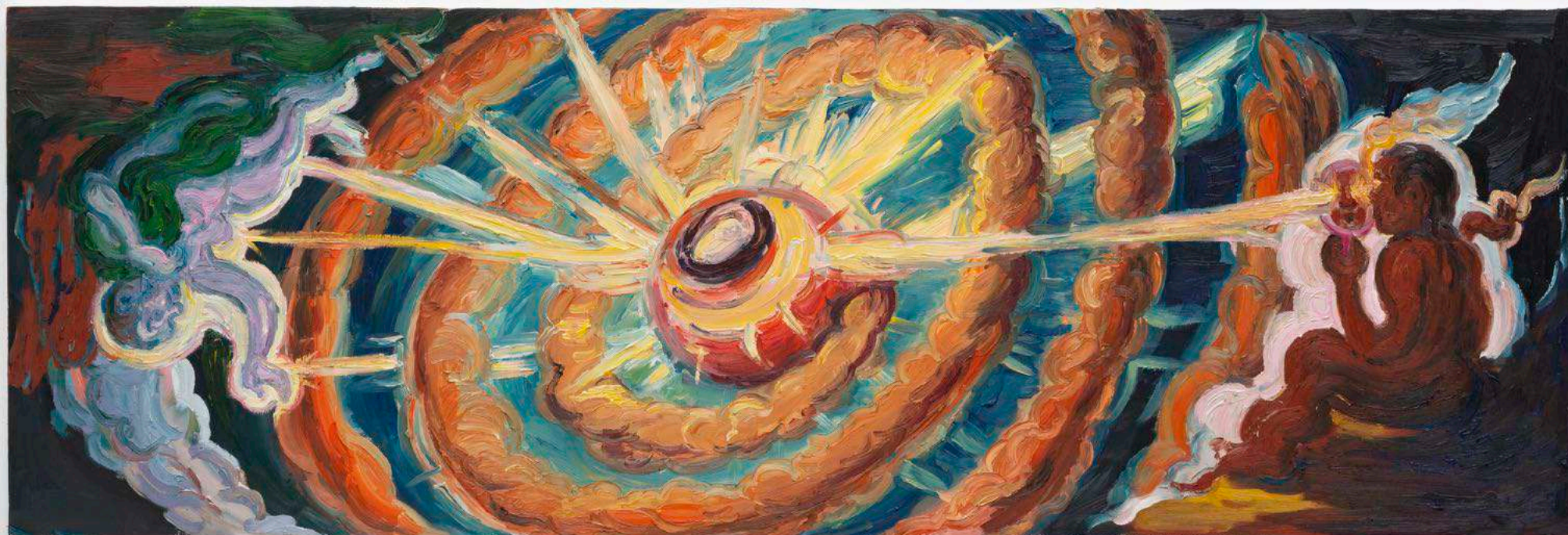
SIMON EVANS™
Rituals are Irrational and Helpful, 2018

Tiago Carneiro da Cunha

São Paulo, 1973

Em suas pinturas recentes, Tiago Carneiro da Cunha investiga o uso de aparatos variados em seu processo, utilizando espátulas, pincéis de diferentes formatos e dimensões e sua própria mão em composições que se dão a partir de um ponto focal no centro da tela e que ganham corpo a partir do acaso e do improviso – e até mesmo do erro. Lançando mão de um humor corrosivo – marca frequente de sua produção – o artista cria figuras híbridas, seres que parecem habitar cenários apocalípticos. Seu interesse pela linguagem do *cartoon* torna-se evidente em telas em que o artista lança mão da caricatura como poderoso instrumento de tradução visual de determinada situação fantástica ou absurda. Em *Vaidade Infinita* (2021), Carneiro da Cunha subverte o mito da criação ao conceber uma paisagem de tintas ambíguas, que parece enaltecer não o surgimento do mundo em si, mas sim a sua distopia – o seu fim, afinal.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
Vaidade Infinita, 2021
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
60 x 178 cm



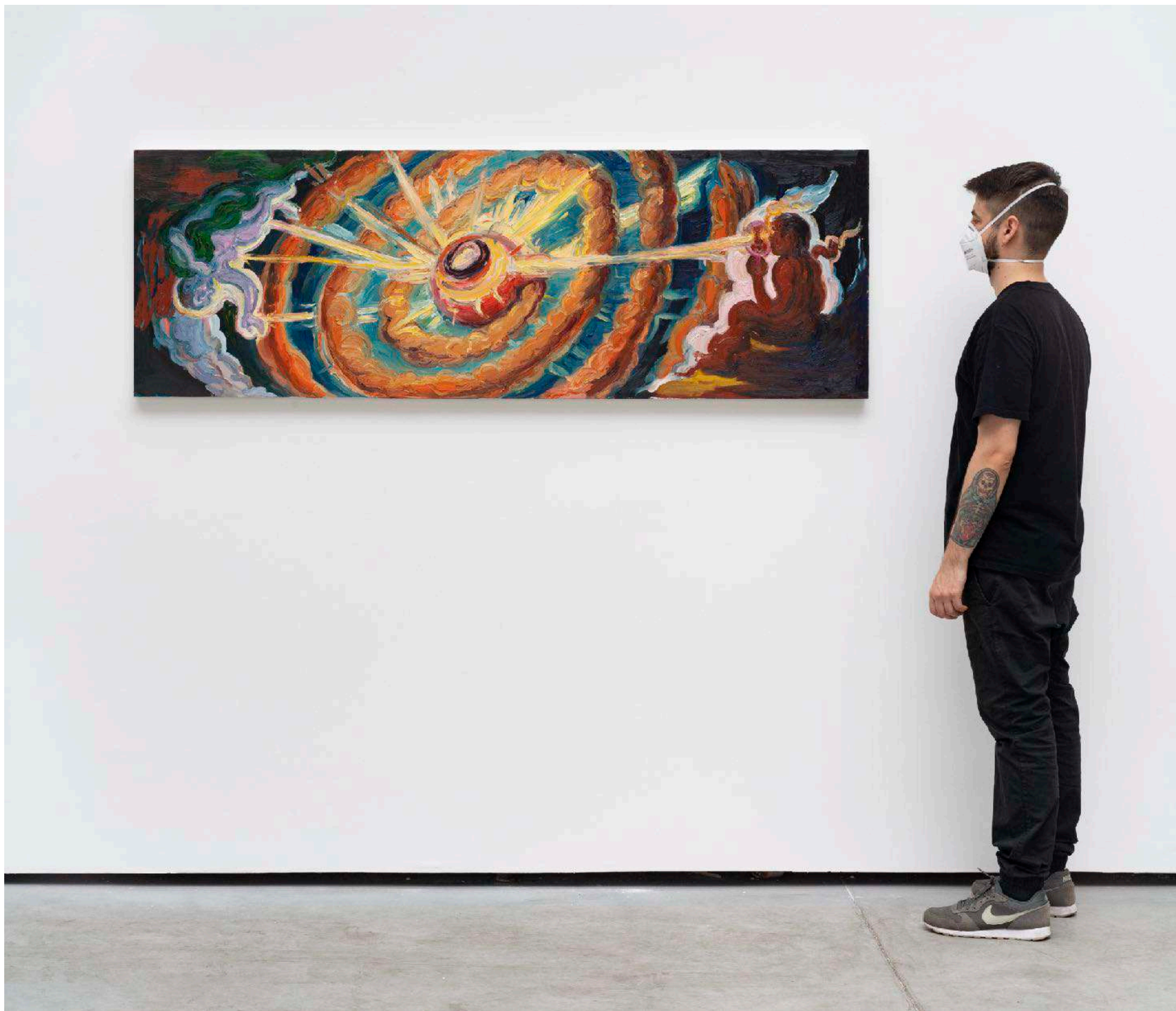
TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
Vaidade Infinita, 2021
Detalhe [Detail]



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
Vaidade Infinita, 2021
Detalhe [Detail]



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
Vaidade Infinita, 2021
Detalhe [Detail]



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
Vaidade Infinita, 2021

Valeska Soares

Belo Horizonte, 1957

A partir de objetos cotidianos de origens diversas, a obra de Valeska Soares engendra uma complexa teia entre tempo, memória e afeição. Em composições escultóricas e bidimensionais que os deslocam de suas funções originais, objetos como livros, caixas de presente e *souvenirs* de naturezas diversas são rearranjadas em delicadas composições onde espaços e temporalidades são sobrepostos, embaralhados. Em *Sugar Blues (XV)* (2020), a artista utiliza caixas de doces vazias em uma composição formal que evoca uma memória afetiva de origem desconhecida. Suas obras acionam, assim, um insuspeitado senso de ternura e amabilidade, tão universais quanto singulares, tão individuais quanto coletivos.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



VALESKA SOARES

Sugar Blues (XV), 2020

Montagem de caixas de doces usadas sobre Dibond coberto de papel, montado em moldura shadow box

[Used candy boxes assemblage on paper covered Dibond mounted on shadow box frame]

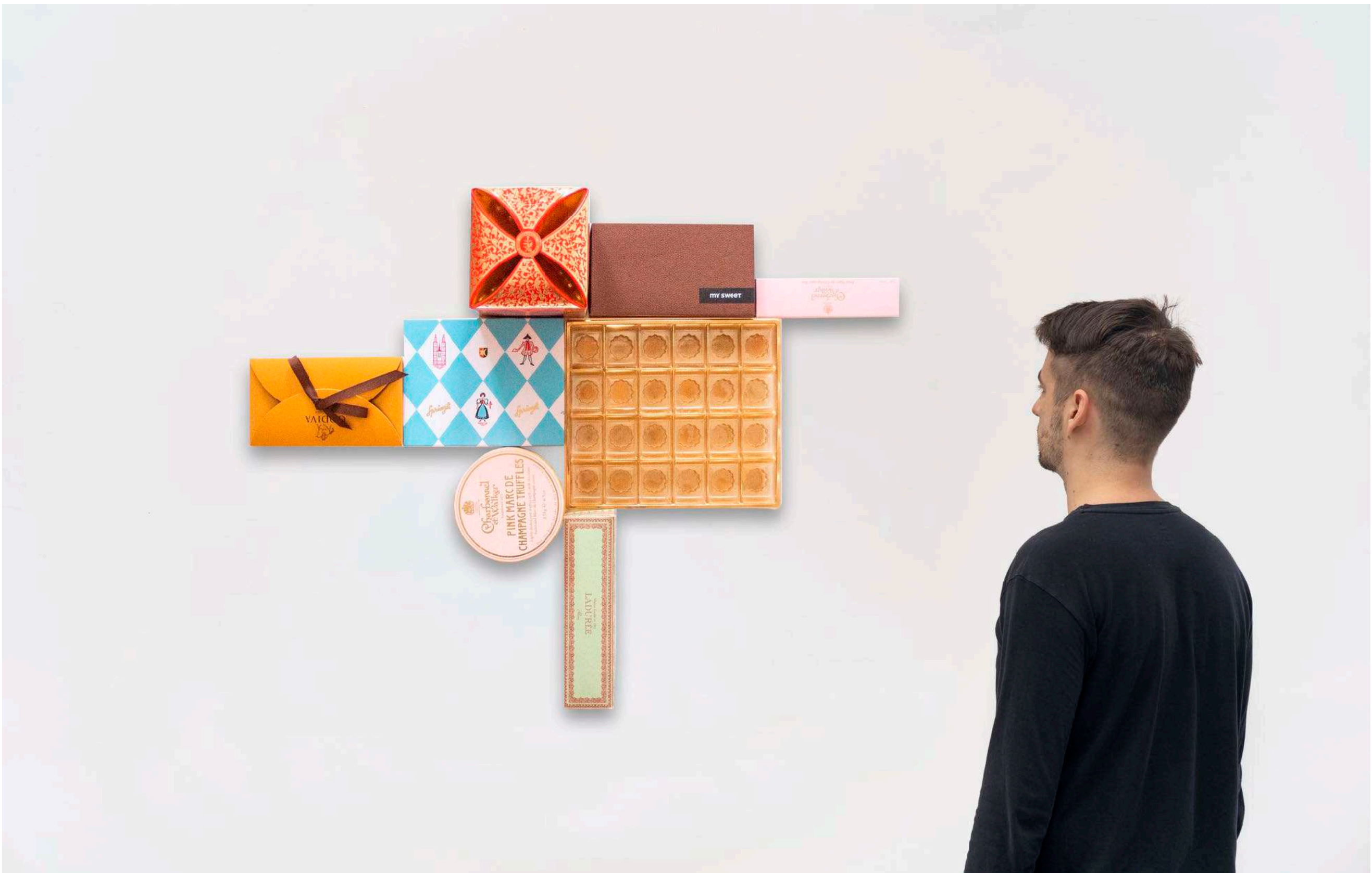
81 x 102 x 15,2 cm



VALESKA SOARES
Sugar Blues (XV), 2020
Detalhe [Detail]



VALESKA SOARES
Sugar Blues (XV), 2020
Detalhe [Detail]



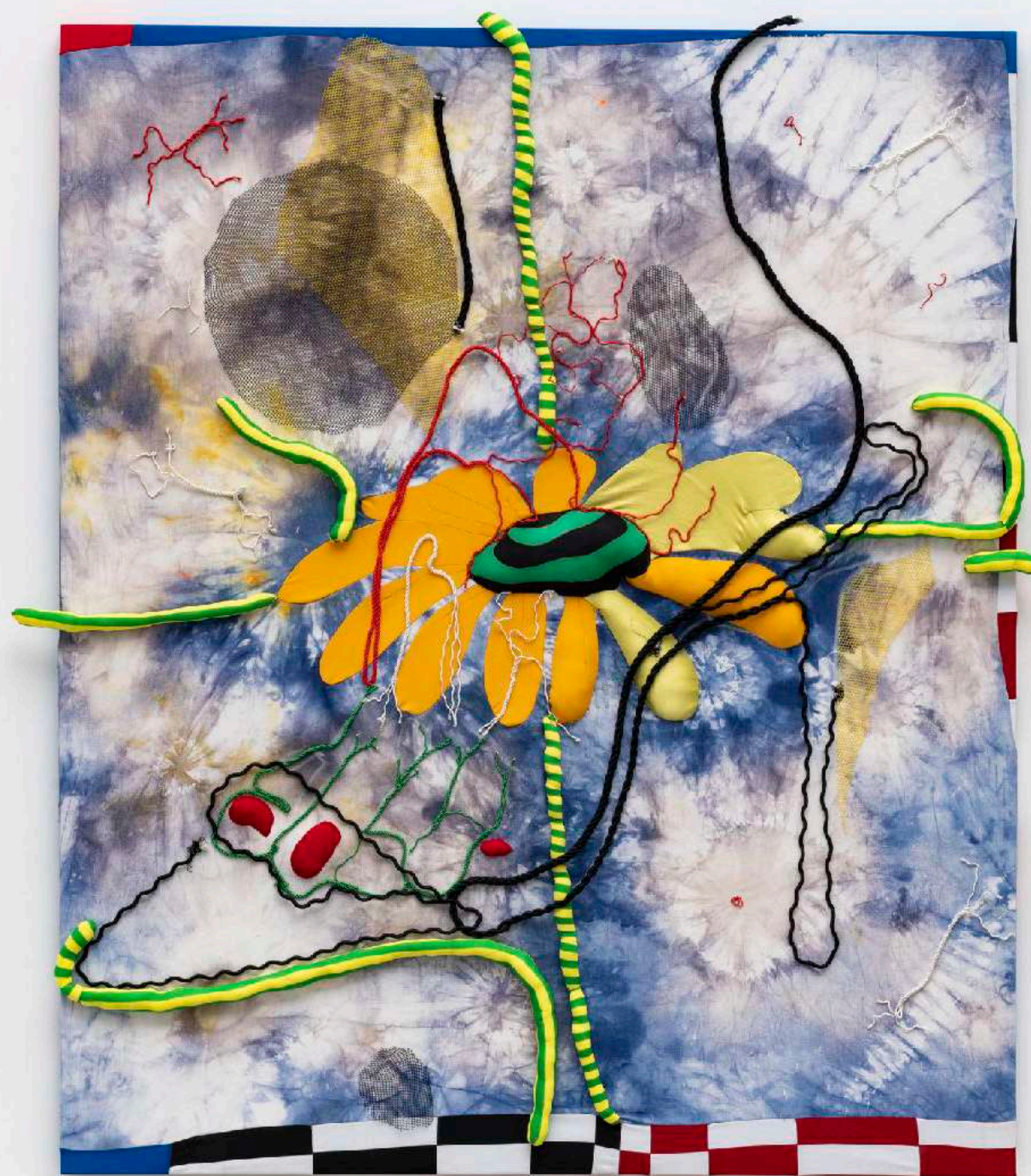
VALESKA SOARES
Sugar Blues (XV), 2020

Yuli Yamagata

São Paulo, 1989

A produção de Yuli Yamagata opera em um peculiar fluxo entre a figuração e a abstração, em obras que empregam materiais têxteis oriundos de centros comerciais populares como o Brás, em São Paulo, e objetos cotidianos de origens das mais diversas. Suas composições - tanto no plano bidimensional quanto escultórico - inspiram-se no léxico dos quadrinhos e em referências ligadas ao universo do gore (subgênero do horror) para conceber figuras híbridas, humanas ou animais, criaturas geralmente representadas através dos fragmentos de seus corpos e da exposição de pés, mãos, ossos, garras, globos oculares e afins. A partir da articulação de materiais à primeira vista prosaicos, a artista tece interessantes reflexões sobre a cultura pop contemporânea, explorando os limites visuais do kitsch e arquitetando intrigantes reflexões acerca da relação dicotômica que ainda conecta noções de alta e baixa cultura, bom e mal gosto. Em *Varizes e Sinapses* (2021), por exemplo, pedaços de diferentes tipos de tecido são costurados em sobreposições que revelam uma flor amarela por cima de um pé humano, vestindo um sapato em salto alto que revela unhas pintadas de vermelho, evidenciando o interesse de Yamagata por uma estética *camp*, igualmente estranha e convidativa.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



YULI YAMAGATA

Varizes e Sinapses, 2021

Shibori com algodão, elastano, corda de seda,
tecido Oxford, linha de costura, fibra siliconada
[Shibori with cotton, elastane, silk rope, Oxford
fabric, sewing line, silicon fiber]

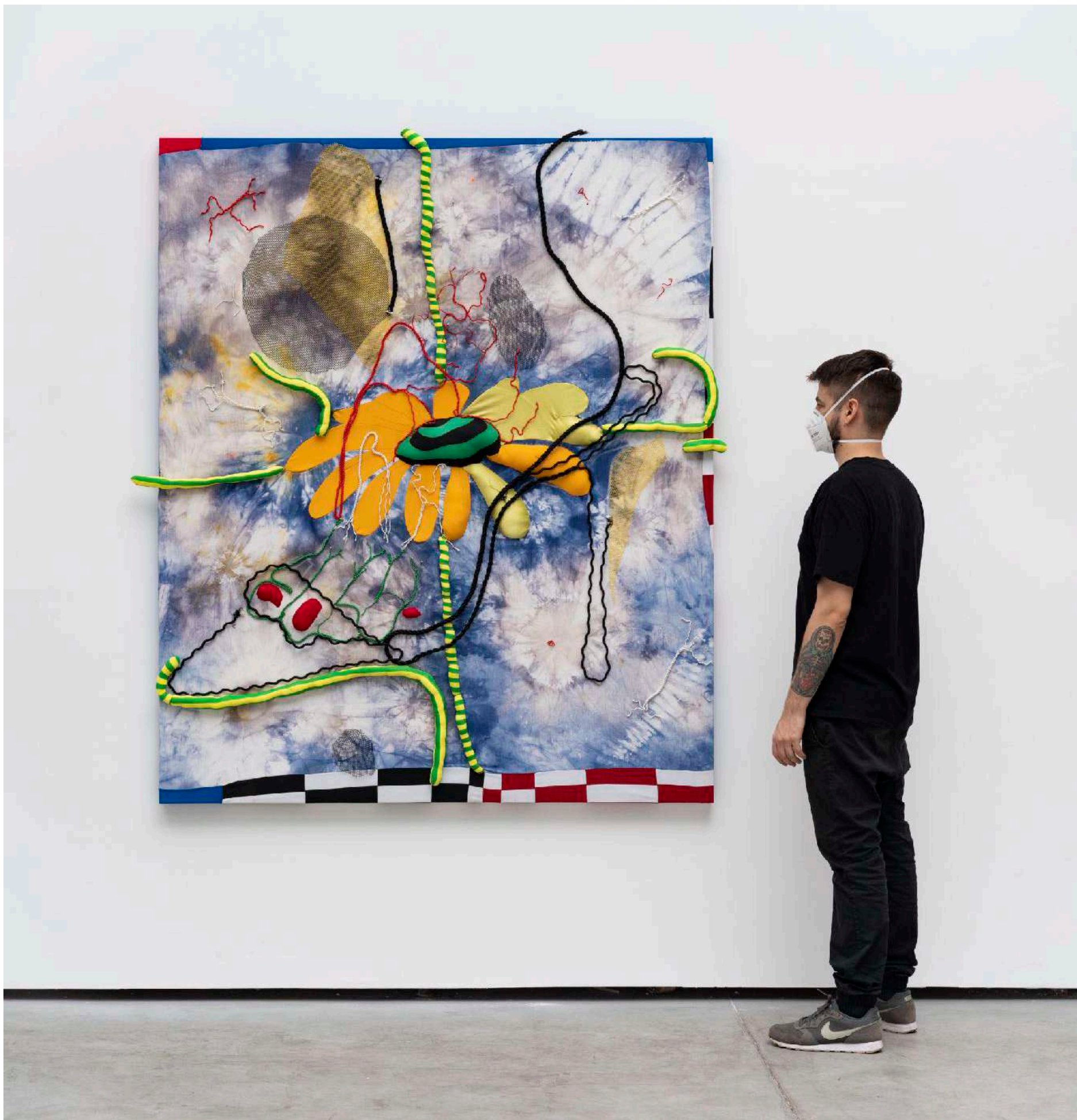
180,5 x 150 x 8 cm



YULI YAMAGATA
Varizes e Sinapses, 2021
 Detalhe [Detail]



YULI YAMAGATA
Varizes e Sinapses, 2021
Detalhe [Detail]



YULI YAMAGATA
Varizes e Sinapses, 2021



YULI YAMAGATA

O dia a dia de Dada, 2021

Resina poliéster pigmentada, argila,
madeira, óleo, corrente de plástico, rosa
seca e corda de seda

[Pigmented polyester resin, clay, wood,
oil, plastic chain, dry rose and silk rope]

73,5 x 75 x 6 cm



YULI YAMAGATA
O dia a dia de Dada, 2021
Detalhe [Detail]



YULI YAMAGATA
O dia a dia de Dada, 2021
Detalhe [Detail]



YULI YAMAGATA
O día a día de Dada, 2021

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

Galpão
Rua James Holland 71
01138-000 São Paulo Brasil

Carpintaria
Rua Jardim Botânico 971
22470-051 Rio de Janeiro Brasil